

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE FEIRA DE SANTANA - UEMS
DEPARTAMENTO DE CIÊNCIAS HUMANAS E FILOSOFIA - DCHF
PROGRAMA DE PÓS GRADUAÇÃO EM TEORIA E METODOLOGIA
DA HISTÓRIA

**EVAS E MARIAS
EM SERROLÂNDIA**
Representações da mulher
numa cidade do interior
1960-1990

CONSULTA



VÂNIA NARA PEREIRA VASCONCELOS

Serrolândia
1999

UNEB - DEP. IV - JAC

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE FEIRA DE SANTANA - UEFS
DEPARTAMENTO DE CIÊNCIAS HUMANAS E FILOSOFIA - DCHF
PROGRAMA DE PÓS GRADUAÇÃO EM TEORIA E METODOLOGIA
DA HISTÓRIA

(173)

EVAS E MARIAS EM SERROLÂNDIA:
Representações da mulher numa cidade do interior
(1960-1990)

Monografia apresentada ao
curso de Especialização em
Teoria e Metodologia da História
como pré-requisito parcial para a
obtenção do grau de especialista,
sob orientação da professora
Dr^a. Lígia Bellini

Serrolândia
1999

Para Tânia, Cláudia, Rita e Clara,
as mulheres da minha vida.

AGRADECIMENTOS

Este trabalho é fruto do apoio e da colaboração de várias pessoas, sem as quais ele provavelmente não seria o mesmo. Agradeço especialmente a Tânia Vasconcelos, pela contribuição nas discussões e pelas sugestões sempre muito bem vindas.

Agradeço à professora Lígia Bellini, pela orientação, dedicação e incentivo, contribuindo para que fosse possível a concretização deste trabalho.

À professora Sara Farias, pelo incentivo e apoio, acreditando no projeto inicial.

Aos professores Antenor Gomes e Zilda Freitas, pela leitura cuidadosa, pelas críticas e sugestões, nos ajudando a superar as dificuldades com a Língua Portuguesa. Também ao professor Balbino, pela contribuição.

Aos professores e colegas desta pós-graduação, pelas discussões proporcionadas, em especial a Ana Rita Machado, pelo incentivo e pelas “longas conversas”, sempre tão divertidas.

Às funcionárias do Arquivo Público Municipal de Jacobina, Celeste e Celma, por facilitar o acesso aos processos judiciais, essenciais para a pesquisa. A Edinete, secretária da Paróquia de Capim Grosso e a Ivacilda, da Paróquia de Serrolândia, pelo acesso dado aos documentos de casamento religioso. Também a Dona Nilda Souza, Oficial de Justiça do Fórum de Serrolândia, pela boa vontade.

A Luzy, pela ajuda na coleta de dados, sempre tão eficiente e cheia de boa vontade e a Marccone, pela colaboração.

O acesso a dissertações do mestrado da UFBA, necessários para leitura, foi possível devido ao gentil atendimento da bibliotecária Marina da Silva.

Não poderia deixar de agradecer a todas as pessoas que deram entrevistas, tornando possível a escuta de vozes até então esquecidas pela história. Também às que disponibilizaram seus arquivos pessoais. Enfim a todos, que direta ou indiretamente contribuíram de alguma forma para a realização deste trabalho.

ÍNDICE

AGRADECIMENTOS.....	1
RESUMO / ABSTRACT.....	4
INTRODUÇÃO.....	5
CAPÍTULO 1	
VISÕES SOBRE A MULHER	12
CAPÍTULO 2	
CASAMENTO.....	21
MULHER - ESPOSA E MÃE.....	30
CAPÍTULO 3	
OS ANOS REBELDES	46
CONCLUSÃO	61
ANEXOS.....	64
FONTES E REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	71

RESUMO

Este estudo se propõe a discutir concepções da mulher numa pequena cidade do interior da Bahia. Analisa o ser mulher em Serrolândia dos anos sessenta aos oitenta, enfocando a sexualidade, o casamento e a família, além das formas de repressão e resistência. Trata dos estereótipos femininos “moça de família”, “moça falada” e “puta”, apontando os resquícios da misoginia da Idade Média, que fundamentou as dicotomias Eva / Maria e prostituta / santa. As fontes utilizadas são processos judiciais, livros de registro de casamentos, entrevistas e alguns materiais dos entrevistados, como cadernos de confidências, cartas de amor e outros. A importância da virgindade aparece como questão fundamental nas relações de gênero, nessa sociedade. A investigação dos padrões de comportamento impostos à mulher, para que esta fosse bem aceita socialmente, e das alternativas por ela encontradas para burlar esse controle, demonstra a existência de “poderes” femininos numa sociedade em que os valores machistas são predominantes. Os resultados do estudo revelam a importância do casamento na sociedade serrolandense, para a determinação dos papéis sociais do homem e da mulher. Indicam ainda que, dos anos sessenta aos oitenta, ocorreram mudanças na definição desses papéis, principalmente relativas à questão sexual, como fruto da influência dos movimentos de juventude ocorridos nos anos setenta no Brasil.

ABSTRACT

This study aims to discuss conceptions of the woman in a small town in the countryside of Bahia. It analyses being a woman in Serrolândia from the 60's to 80's, in order to focus on the sexuality, the marriage and the family, besides the ways of repression and resistance. This study deals with the of the female stereotypes: “family girl”, “spoken girls” and “whore” showing the vestiges of misogyny of Middle Ages, which based the dichotomies Eva / Maria, prostitute / saint. The sources used are judicial process, marriages register books, interviews and some material from people's interviews, like confidence note books, love letters and others. The importance of virginity appears as a fundamental question of the relations of kind, in this society. The standards research behaviour determines the woman, so that she was socially well accepted and from the alternatives found by her to cheat this control, demonstrate the existence of female “powers” in a society in which sexist values are predominant. The results of the study reveals the importance of marriage in the society of Serrolândia to a determination of social parts of the man and the woman. Indicate also from the 60's to the 80's, changings happened in the definition of these parts, specially related to a sexual question as result of the influences of the young people movements occurred in the 70's in Brazil.

INTRODUÇÃO

Durante muito tempo, a mulher esteve à sombra da história. Reclusa no mundo doméstico, circunscrita ao silêncio do mundo privado, ela não teria uma história. Quando apenas o espaço público era levado em conta, só mereciam ser documentados os “grandes acontecimentos” em que os “atores de destaque” eram em geral homens. Michelet aparece como um dos raríssimos historiadores do passado a desenvolver estudos sobre as mulheres, porém dentro de uma visão dominante no seu tempo, identificando a mulher à natureza e o homem à cultura.

No final do século XIX, quando o positivismo domina o campo da história, a mulher é duplamente excluída: do próprio conhecimento histórico, uma vez que este somente tinha como objeto o que dizia respeito ao domínio público, e da produção deste conhecimento, visto que a história científica só poderia ser escrita por profissionais - homens, evidentemente.

A história das mulheres é muito recente. Desenvolveu-se nas últimas décadas como fruto de um processo que se inicia no século XIX, quando a família passa a ser considerada como célula fundamental e evolutiva da sociedade, tornando-se tema de interesse da emergente antropologia histórica.¹

¹ Uma discussão a respeito das questões aqui mencionadas encontra-se em Georges Duby & Michelle Perrot. “Escrever a história das mulheres” In *História das Mulheres no Ocidente*. Vol. 1. A Antigüidade. Porto: Afrontamento, 1990, especialmente p. 13.

A Escola dos Annales, surgida em 1929, apesar de não incorporar de imediato uma historiografia social das mulheres, abriu espaço para ela, na medida em que questionava uma história estática, que se dizia universal. Para Lucien Febvre “A história não devia se interessar pelo homem abstrato, eterno, imóvel, no fundo, perpetuamente idêntico a si mesmo, e sim voltar-se para os homens sempre tomados no enquadramento da sociedade de que são membros e inseridos numa época bem determinada de seu desenvolvimento.”² Entretanto, a emergência e consolidação da história das mulheres é sobretudo fruto do movimento das mulheres que lutaram dentro e fora da universidade, por uma mudança no ensino e na pesquisa, com o objetivo de compreenderem as raízes da dominação que suportavam. As inglesas e americanas foram pioneiras.³ Apesar da contribuição da Escola dos Annales para a construção de uma história da mulher, os estudos de conjuntura e estrutura não levavam em conta a dimensão sexual.

A partir de 1970, a Nova História coloca em debate o papel da família e da sexualidade e, com a História das Mentalidades, mais aberta para o estudo de temas associados à mulher, há a preocupação de se aprofundar o estudo de gênero. Os historiadores passam a utilizar a categoria gênero para caracterizar as relações entre os sexos, partindo da compreensão de que a história da mulher passa necessariamente pelo estudo de sua relação com o homem.⁴

² Citado por Maria Odila L. S. Dias. “Teoria e Método dos Estudos Feministas: perspectiva histórica e hermenêutica do cotidiano” in Costa, Albertina de Oliveira & Bruschini, Cristina (org.). *Uma Questão de Gênero*. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos; São Paulo: Fundação Carlos Chagas, 1992, p. 46.

³ Joan Scott, “História das Mulheres” In Burke, Peter (org.), *A Escrita da História: novas perspectivas*. São Paulo: Unesp, 1992.

⁴ Id. “Gênero: uma categoria útil na Pesquisa Histórica” In *Educação e Realidade*. Porto Alegre, 16 (2): 5-22, jul./dez. 1990.

O desenvolvimento da história das mulheres está intimamente ligado às inovações teóricas e metodológicas surgidas nos últimos tempos no campo das pesquisas historiográficas. Ao abrir espaço para novas temáticas - não se restringindo apenas àquelas que enfocam a mulher enquanto participante do espaço público como trabalho, política, educação, direitos civis, etc. - esses novos estudos focalizam espaços alternativos relacionados ao cotidiano, tais como a família, a maternidade, os gestos, a sexualidade e o corpo, entre outros⁵.

Esses estudos, bastante influenciados por Michel Foucault, trabalham com uma nova concepção de poder, que não a do poder formal, relacionado ao Estado. Substitui-se o poder, no singular, por “poderes”, no plural, buscando perceber as resistências presentes nas estratégias cotidianas, superando a idéia da passividade atribuída às mulheres do passado. Michelle Perrot, em seus trabalhos, apresenta uma nova análise das relações de poder, procurando superar a visão de vitimização da mulher: “Se elas não têm o poder, as mulheres têm, diz-se, poderes. No Ocidente contemporâneo, elas investem no privado, no familiar e mesmo no social, na sociedade civil. Reinam no imaginário dos homens, preenchem suas noites e ocupam seus sonhos.”⁶

Maria Odila Leite da Silva Dias destaca as dificuldades de se estudar “as mulheres enquanto seres sociais”, já que o estudo da história da mulher pressupõe uma total modificação nos parâmetros históricos tradicionais. A inclusão das mulheres como sujeitos da história implica, assim, o questionamento, senão a destruição, dos principais paradigmas estabelecidos há muito tempo pela disciplina histórica. “O tema pressupõe soterradas as balizas epistemológicas tradicionais, como o sujeito humano universal, a Verdade, a Razão,

⁵ Rachel Soihet. “História das Mulheres”. In Cardoso, Ciro Flamarion & Vainfas, Ronaldo. *Domínios da História: ensaios de teoria e de metodologia*. Rio de Janeiro: Campos, 1997. p. 280.

⁶ Michelle Perrot. “As mulheres, o poder, a história”. In *Os excluídos da história: operários, mulheres, prisioneiros*. Rio de Janeiro: Paz e Terra. 1988. p.167.

que norteavam as Ciências Humanas no século passado.”⁷ A história das mulheres, segundo Joan Scott, desafia a pretensão da história de fazer um “relato completo quanto à perfeição e a presença intrínseca do objeto da História - o Homem Universal”, provocando uma grande reviravolta no próprio fazer histórico⁸. Não sendo possível, a partir daí, se pensar em qualquer tema relacionado ao mundo privado sem se levar em conta os questionamentos que o “movimento das mulheres” na história acabou provocando.

Essas mudanças fizeram surgir muitos trabalhos sobre a questão da mulher no Brasil. Porém, parece-nos que os estudos feitos até hoje tratam, em geral, apenas de questões relacionadas à mulher nas grandes cidades. Não há ainda uma produção conhecida sobre a mulher nas pequenas cidades. Desta forma, nos propusemos a estudar o imaginário social da cidade de Serrolândia em relação à mulher, enfocando a sexualidade, o casamento e a família, além de formas de repressão e de resistência feminina. O interesse em pesquisar a mulher em Serrolândia surgiu da observação de discursos - tanto de mulheres quanto de homens - que sugerem a visão do que representa a mulher nessa sociedade.

Serrolândia é um pequeno município do interior da Bahia, localizado no Piemonte da Chapada Diamantina, a 319,9 Km de Salvador, em pleno sertão da região Nordeste brasileira. Foi fundada como povoado de Serrote, pertencente ao município de Jacobina, no início dos anos quarenta. Tornou-se vila em 1952, tendo sido emancipada em 1962. Sua população, segundo dados do IBGE, era de 12.536 habitantes em 1996.⁹

A escolha dos anos sessenta como marco cronológico inicial da pesquisa está relacionada ao fato destes terem sido marcados pela contestação aos valores tradicionais, ocorrendo uma série de mudanças, principalmente relativas à relação homem /

⁷ Dias, “Teoria e Método...”, op. cit. p. 39.

⁸ Scott. “História das Mulheres”, op. cit. p. 78.

⁹ IBGE. Contagem da População em 01.08.96.

mulher. Procuramos analisar as mudanças ocorridas desde essa década até o final dos anos oitenta.

As fontes utilizadas se constituem de entrevistas com pessoas que viveram em Serrolândia no período estudado, assim como processos judiciais e livros de registro de casamentos. A utilização da história oral está relacionada, em primeiro lugar, à inexistência de publicações como jornais ou revistas em Serrolândia. Mas a escolha da fonte oral foi também feita para viabilizar um certo tipo de análise. Como pesquisamos questões relacionadas ao comportamento, trabalhamos com entrevistas como forma de perceber, através dos discursos, a mentalidade e a visão dos membros da comunidade sobre determinados aspectos. Entrevistamos pessoas que viveram em Serrolândia no período estudado, entre elas um homem e nove mulheres. A escolha dos depoentes foi realizada em forma de "rede", ou seja, feita ao longo da pesquisa, a partir de informações destes sobre outros.

A história oral, como é bem conhecido, envolve uma série de problemas metodológicos específicos que, sabemos mereciam menção num trabalho utilizando fontes orais como documentação.¹⁰ No entanto, optamos por não fazer aqui uma discussão desses aspectos, para não alongar em demasia o texto da presente monografia.

Além das entrevistas, foram analisados materiais dos próprios entrevistados como dois cadernos de confidências, uma carta de amor, uma ata do Reveillon de 1979, um poema e um motivo popular, transformado em música em 1980. Os processos judiciais

¹⁰ Discussões desses problemas encontram-se em Antônio Torres Montenegro. *História oral e memória: a cultura popular revisitada*. São Paulo: Contexto, 1992 e Tânia Penido Monteiro. "Comunicação escrita sobre uma pesquisa oral" In *Educação e Comunicação*, Revista da FAEEBA, ano 3, número 3, jan./dez. 1994.

utilizados foram processos da Vara de Família, como desquite amigável, desquite judicial, ação de alimentos e investigação de paternidade.

Este trabalho constitui-se de três capítulos, além desta Introdução e uma Conclusão final. O primeiro, intitulado “Visões sobre a mulher”, é uma espécie de introdução indispensável para a discussão do “ser mulher”. Trata dos estereótipos femininos, baseados nas dicotomias Eva / Maria, prostituta / santa, discutindo a supervalorização da virgindade enquanto símbolo da virtude feminina, bem como as consequências da sua perda no destino das “moças” serrolandenses.

O segundo - “Casamento” - traz uma reflexão a respeito da importância do matrimônio na sociedade serrolandense, para a determinação dos papéis sociais do homem e da mulher. Através da análise de processos judiciais, percebemos um discurso misógino, que constrói a imagem da antiesposa para legitimar o papel da mulher casada, idealizada como mulher “honesta”. O terceiro capítulo, intitulado “Os anos rebeldes”, aborda um conjunto de questões relacionadas às mudanças ocorridas ao longo do período estudado. Partindo de um breve histórico das transformações ocorridas no final da década de sessenta e início da de setenta no Brasil, reflete sobre as influências dos movimentos de juventude em Serrolândia. Analisa ainda as mudanças ocorridas nas décadas de setenta e oitenta.

Uma das dificuldades encontradas nesta pesquisa foi a de definir a classe social ou segmento econômico pesquisado. Em Serrolândia, por se tratar de um município muito pequeno e de economia precária¹¹, pessoas de diferentes condições econômicas geralmente convivem nos mesmos espaços. Não estamos com isso, querendo negar a

¹¹ De acordo com o censo do IBGE de 1996, o rendimento médio real dos chefes de domicílios era de R\$ 117,00.

existência de diferenças sociais nessa sociedade, apenas queremos destacar a dificuldade de uma conceituação precisa para definir estes segmentos. Pelo fato da maior parte da população ser muito pobre e do custo de vida ser razoavelmente baixo (em comparação às grandes cidades), as pessoas que ganham acima de dois salários mínimos, conseguem ter um nível de vida superior à maioria da população, sendo consideradas uma camada média. Optamos por trabalhar com essa camada, que a nosso ver, não corresponderia à classe média brasileira. Como pretendíamos focar de forma geral padrões de comportamento impostos à mulher, e modos de resistência a eles, não trataremos aqui das diferenças entre as mulheres das várias camadas sociais.

Título 14 12
Texto 12
1.º cit. (10 tam)
opinião

CAPÍTULO I

VISÕES SOBRE A MULHER

A representação do feminino esteve, no decorrer da história, quase sempre associada a imagens dicotômicas. Frágil ou forte, vítima ou culpada, santa ou pecadora, a mulher aparece na história prioritariamente através do olhar masculino, sendo as figuras de Eva e Maria os principais referenciais simbólicos dessa oposição, na sociedade ocidental.

Os sentimentos do homem em relação à mulher sempre foram expressos de forma ambígua e contraditória, variando da atração à repulsão, do amor ao ódio. Jean Delumeau, em *História do Medo no Ocidente*, ao discutir a mulher como “agente de Satã”, analisa a ambigüidade das representações masculinas acerca dela. Associada às forças da natureza, devido ao seu poder de fertilidade, e conseqüente papel na reprodução da espécie, a mulher representaria um mistério para o homem, provocando-lhe medo. Medo diante do desconhecido, que o levou a procurar garantir sua superioridade em relação a ela, se definindo como racional e apolíneo, em oposição à mulher, instintiva e dionisíaca.¹

Divinizada nas sociedades pagãs tradicionais, no ocidente cristão medieval a mulher passa a ser associada à imagem do demônio. Com a reforma gregoriana, no final da Idade Média, foi instituído o celibato dos padres, tendo início, na Igreja, uma literatura misógina, que criou a dicotomia Eva / Maria. Ocorre então uma diabolização da mulher, que passa a ser representada centralmente como a descendente de Eva, símbolo do pecado e

¹ Jean Delumeau. *História do Medo no Ocidente: 1300-1800*. São Paulo: Cia. das Letras, 1990, p. 310-311.

da tentação. Ao mesmo tempo em que tem lugar esse processo de diabolização, emerge paralelamente uma tendência num certo sentido oposta a esta, com o fortalecimento do culto à Virgem Maria. Como as mulheres comuns estavam muito distantes do ideal da Virgem, criado pela Igreja, são consideradas as agentes de Satã, responsáveis pela desgraça do homem, e por desviá-lo do caminho da salvação.²

*“(...) Tu deverias usar sempre o luto, estar coberta de andrajos e mergulhada na penitência, a fim de compensar a culpa de ter trazido a perdição ao gênero humano (...) Mulher, tu és a porta do diabo. Foste tu que tocaste a árvore de Satã e que, em primeiro lugar, violaste a lei divina”.*³

O texto acima, escrito por Tertuliano, teólogo da Idade Média, revela uma profunda aversão ao sexo feminino, comum entre os teólogos dessa época. Percebemos claramente a diabolização da mulher que, comparada à Eva, é considerada culpada por todos os males. Era aconselhado aos homens afastar-se dela se pretendessem conseguir a salvação. O próprio casamento era desvalorizado por este discurso misógino.

*“A mulher (...) é um verdadeiro diabo, uma inimiga da paz, uma fonte de impaciência, uma ocasião de disputas das quais o homem deve manter-se afastado se quer gozar a tranquilidade (...) Que se casem, aqueles que encontram atrativo na companhia de uma esposa, nos abraços noturnos, nos ganidos das crianças e nos tormentos da insônia (...). Por nós, se está em nosso poder, perpetuamos nosso nome pelo talento e não pelo casamento, por livros e não por filhos, com o concurso da virtude e não com o de uma mulher”.*⁴

² Rose Marie Muraro. *A Mulher no Terceiro Milênio*. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, 1993, p.70-71.

³ Tertuliano, *Cultu feminarum, em Corpus Cristianorum*, série latinam, citado em Delumeau, *História do Medo...*, p. 316.

⁴ Idem, p. 319.

A associação da mulher com o demônio, o mal, a perdição da humanidade foi fundamentada numa época - a Baixa Idade Média - de intenso fervor religioso, em que a ameaça do demônio era vista e sentida por toda parte. Entretanto, a aversão ao sexo feminino, difundido no início da Idade Moderna, devido à invenção da imprensa, parece ter permanecido no imaginário moderno, pois podemos perceber suas manifestações ainda hoje.

O motivo popular abaixo, encontrado em lugares públicos freqüentados por homens, como bares, e transformado em música na década de oitenta, é ilustrativo desta mentalidade. A associação da mulher com o mal continua presente, porém ela é feita de uma outra maneira. De forma irreverente, o autor brinca com o medo masculino em relação ao outro sexo.

O POBRE E O RICO

*O pobre e o rico são duas pessoas
O soldado protege os dois
O operário trabalha pelos três
O vagabundo come pelos quatro
O advogado defende os cinco
O professor condena os seis
O médico examina os sete
O coveiro enterra os oito
O diabo carrega os nove
E a MULHER engana os dez.⁵*

Um ser tão diabólico e perigoso deve ser isolado do convívio social. No Brasil colonial, submissão, obediência e castidade constituíam o padrão de comportamento imposto à mulher. A esse respeito, o ideal, na mentalidade da época, resumia-se nas

⁵ Motivo popular recolhido por Pinduca. Disco "Pinduca no Embalo do Carimbó e Sirimbó". Vol. 9 Copacabana Discos. 1980.

palavras do Padre Antônio Vieira: “uma mulher honrada não deve andar na rua, a não ser para o seu batismo, casamento e enterro.”⁶

Na Bahia, muitas mulheres cujos maridos ou pais possuíam um certo cabedal, viviam em reclusão, reduzindo suas vidas a afazeres domésticos leves e, na maioria das vezes, sem quase nada a fazer, sendo até escondidas dos homens, saindo apenas aos domingos ao raiar do dia para ir às missas.⁷ Nas palavras do poeta Gregório de Matos, “as mulheres eram diabos disfarçados, sereias traiçoeiras, tentações infernais, peçonhentas no coração e na boca, copuladoras vorazes”.⁸

Trazendo esta reflexão para a sociedade de Serrolândia, percebemos como a dicotomia Eva / Maria está presente nos estereótipos revelados nos discursos de homens e mulheres. Nos anos sessenta, a sociedade era marcada por estereótipos bem definidos. Nos relatos de pessoas que viveram em Serrolândia nesta época, identificamos basicamente três categorias de mulheres: as “moças de família”, as “moças faladas” e as “putas”.

Falando sobre a sociedade da época a entrevistada C. B. R. nos conta:

Como toda cidade pequena, o povo falava muito o que a gente fazia, com quem saía. Chegava até a inventar coisas, a gente não podia nem andar com as meninas que eram faladas por que a gente ficava falada também (...), bastava sair com amigos homens, sair só e se vestir diferente já era motivo de fofoca, e todo mundo queria casar...⁹

Percebemos que a possibilidade do casamento estava diretamente relacionada a um ideal de mulher. O comportamento exigido para ser uma “moça de família” era

⁶ Ana Miranda. *Boca do Inferno*. São Paulo: Cia das Letras, 1994, p. 145.

⁷ Emanuel Araújo. *O Teatro dos Vícios. Transgressão e transigência na sociedade urbana colonial*. Rio de Janeiro: José Olímpio, 1993. Ver capítulo 3.

⁸ Miranda, *Boca do Inferno*, op. cit., p. 84.

⁹ Entrevista de C. B. R., 12.09.98.

obedecer aos horários e freqüentar locais estabelecidos pelos pais, usar roupas “decentes”, ser prendada e, acima de tudo, virgem. Desta maneira correspondiam à imagem da santa.

As “moças faladas” fugiam deste padrão de comportamento: trocavam muito de namorado, namoravam em locais não permitidos, saíam sozinhas com o namorado, beijavam na boca em locais públicos, namoravam em pé, falavam palavrão. Elas podiam até ser consideradas de família, mas subvertiam a ordem estabelecida. Consideramos as “moças faladas” como intermediárias entre a santa e a prostituta. Elas resistiam, de uma certa forma, ao modelo imposto à mulher na época.

E. S. M., considerada uma “moça falada” nos anos sessenta, demonstra na entrevista um certo orgulho do seu comportamento:

O povo falava, mas eu não me importava, nunca deixei meus amigos por causa de conversa, falava que eu namorava muito, que o namoro era escandaloso, queriam que a gente fosse namorar na casa dos pais, um de lá, outro de cá (risos), isso não é namoro. Muitas meninas tinham inveja da gente, mas não tinham coragem de fazer o mesmo (...) depois, no fundo todo mundo gostava de mim e depois que eu casei não falava mais.¹⁰

As “putas” eram mulheres que trabalhavam em bares, local onde eram procuradas pelos homens. Existia um bordel, que era freqüentado em sua maioria por homens casados. As prostitutas que trabalhavam lá, geralmente vinham de fora. Consegui poucas informações a respeito da prostituição em Serrolândia. Em geral, o tema foi pouco tocado nas entrevistas. Consegui realizar apenas uma entrevista com uma senhora que havia sido prostituta no início dos anos sessenta, que não falou sobre sua vida, mas que

¹⁰ Entrevista de E. S. M., 22.10.98.

confrontou a sociedade atual àquela que vivenciou quando jovem. Seu depoimento é analisado no capítulo sobre casamento.

Dentro dessa ordem, o status da mulher era definido de acordo com o seu comportamento, mais ou menos aproximado do ideal da santa. Pois a finalidade da vida de uma mulher era conseguir um “bom casamento”. A mulher ideal para o matrimônio era aquela “confiavelmente virgem”, que seguia as normas estabelecidas, representando assim a imagem da boa esposa e mãe, pura e assexuada.

Na realidade, as fronteiras entre ser “moça de família” e “moça falada” não eram tão rígidas. Nem sempre as “moças de família” obedeciam as regras estabelecidas, ou as “moças faladas” faziam tudo o que se dizia delas. Muitas se mantinham virgens, se resguardando para o casamento. Em outra fala, E. S. M. comenta:

*Engravidei virgem e nem minhas amigas acreditavam, mas com muita gente foi assim (...) Todo mundo queria se preservar pro casamento, todo mundo tinha que ser virgem, num é como hoje...*¹¹

A importância da virgindade é essencial para se refletir sobre essa sociedade. Um fato que define muito bem essa importância é que as moças mais rebeldes começavam a ter mais intimidade com os namorados, porém, evitavam uma relação sexual completa. Emprega-se com frequência a expressão “dar as coxas”, para traduzir o ato em que o casal tenta satisfazer-se sexualmente, evitando a penetração para que a moça não perca o hímen. Este tipo de intimidade provocava muitas vezes a gravidez indesejada, citada na entrevista acima, demonstrando a falta de informação sexual da época.

¹¹ Entrevista de E. S. M., 22.10.98.

Expressões do tipo “ficar perdida”, “deixar de ser moça”, “ser passada para trás”, “ser desonrada”, “ser tirada de casa”, muito utilizadas na época, revelam a importância da virgindade e a desvalorização a que estavam submetidas as mulheres que a perdiam antes do casamento.

“Ficar perdida” significa, para a mulher, ser abandonada à própria sorte, não tendo mais chance de exercer o seu papel social de constituir uma família. Ela deixa de ser “moça” - virgem, pura e ingênua - e passa a ser “mulher” - símbolo do pecado, a tentadora, descendente de Eva. É interessante notar como a palavra “mulher” permanece com essa conotação, herdada da misoginia da Idade Média, a não ser quando acompanhada do título “casada”. “Mulher casada” é mulher de respeito, ou seja, só o homem tem o poder de torná-la mulher, para a realização de sua plenitude, no casamento, ou, para a sua desgraça, fora dele. A mulher que foi “tirada de casa” (lar, lugar seguro, familiar, espaço privado) passa a pertencer à rua (mulher pública). A dicotomia casa / rua, discutida por Roberto Da Matta, está relacionada à separação dos espaços público e privado, tradicionalmente definidos como pertencentes ao campo do masculino e do feminino, respectivamente.¹² A expressão “mulher pública”, utilizada ainda hoje para caracterizar a prostituta, é indicativa desta visão. Já o termo “homem público” não possui essa conotação pejorativa, significando apenas homem que exerce influência na esfera pública.

A figura da “moça” é infantilizada, oposta à figura da mulher-demônio. Pois quem exerce o papel do sedutor, dominador, aquele que “fez o mal” é o homem. Em uma das entrevistas, uma mulher casada, M.R.P.V., nos contou que aos 13 anos, quando teve o seu primeiro e único namorado de 25 anos,

¹² Para uma discussão mais aprofundada, ver Roberto Da Matta, *Carnavais, Malandros e Heróis: para uma sociologia do dilema brasileiro*, Rio de Janeiro: Guanabara, 1990, especialmente capítulo 2.

*Rezava pra Deus me proteger pra não acontecer nada de mal, pra eu num me perder, por que naquele tempo... sabe como é... eu era nova e sem experiência, tinha muito medo.*¹³

A visão que aparece aqui é a da mulher como ingênua e o homem como um ser perigoso. De certa forma, parece ter havido uma inversão da imagem da mulher, de culpada à vítima. É como se ela não possuísse vontade própria.

Era comum o noivo propor, à noiva, sexo antes do casamento, como uma “prova de amor”. Na verdade, parece-nos que era uma forma de comprovar a virgindade da moça. Muitos faziam uma espécie de chantagem, dizendo não confiar na sua “pureza”. As moças eram ensinadas pelas mães a resistirem a essas tentações.

*Tinha um negócio de “prova de amor”... Parece que os homens não confiavam nas mulheres, aí pediam a elas para ter relações antes do casamento, pra ter certeza que ela era virgem. Eu acho que muitas caíam nessa conversa e acabavam se entregando (...) você sabe como é, no homem não pega nada, e eles não agüentam, tem que se satisfazer...”*¹⁴

Mais uma vez a mulher aparece como vítima, já que era possível que “muitas caíssem nessa conversa” e “se entregassem”. Parece-nos que o sexo antes do casamento para a mulher, neste caso, não é visto como uma opção, necessitando ser justificado como fruto da ingenuidade feminina.

Essa visão da mulher-vítima / homem-culpado parece-nos uma inversão do discurso misógino medieval, uma vez que nesse discurso a mulher era responsabilizada pela sedução, devendo o homem afastar-se dela para obter a salvação. O apetite pelo sexo, que

¹³ Entrevista de M. R. P. V., 24.07.98.

¹⁴ Entrevista de E. B. R., 15.11.98.

antes era considerado um atributo do instinto feminino, passa a ser associado ao masculino. A responsabilidade pela sedução passa a ser do homem, mas sua “culpa” é justificada por ser “próprio dele” o desejo sexual, um mecanismo de justificação que não se percebe quando o desejo sexual é considerado como próprio dela. Agora, é a ela atribuída a responsabilidade de resistir ao desejo, e de impedir que o pecado seja consumado. Porém, a mulher continua sendo vista como inferior, uma vez que é considerada fraca diante da tentação, devendo ser reprimida. A metamorfose de tentadora a vítima em nada contribui para modificar sua situação de inferioridade.

CAPÍTULO II

CASAMENTO

“A melhor formatura de uma moça é um bom casamento”

O ditado popular acima, freqüentemente utilizado em Serrolândia na década de sessenta, reflete bem a importância do casamento para a mulher. Justifica a sua exclusão de praticamente qualquer atividade intelectual, pois sua vocação primordial seria a de se tornar esposa submissa e dedicada ao marido. Uma mulher que morava na zona rural fala com tristeza sobre a proibição de estudar:

Eu num sabia escrever e meu pai era muito ignorante, num deixava a gente estudar, lá na roça tinha uma escolinha, mas ele dizia que moça num precisava disso não, senão ia querer escrever pra namorado, sabe como era naquele tempo...¹

Em Serrolândia, a maioria dos pais que morava no campo, na década de sessenta, só permitia que os filhos do sexo masculino estudassem. Às mulheres era permitido no máximo freqüentar o curso primário, pois necessitavam ler e escrever para ajudar na educação dos filhos.

A mulher era preparada desde cedo para o casamento, finalidade única da sua educação. A moça ideal para o matrimônio deveria ser prendada. Os dotes que dela se

¹ Entrevista de L. P., 11.10.98

esperava não incluíam uma maior capacitação intelectual, mas saber cozinhar, lavar, cuidar da casa e das crianças, costurar e bordar. Para isso, muitas freqüentavam cursos de culinária e corte e costura.

Tradicionalmente, o namoro tinha como finalidade única o casamento, por isso o namorado tinha que ter a aprovação dos pais. Essa aprovação poderia estar relacionada à condição econômica, cor e principalmente à família a qual pertencia o rapaz, pois o casamento representava de certa forma a união entre duas famílias. Esses “namoros consentidos” ocorriam geralmente na casa da moça, sob o olhar vigilante dos pais. O namoro não deveria durar muito tempo, pois “pegava mal” para a moça. Quando o namoro ficava muito longo, as pessoas comentavam que o rapaz estava “enrolando” a moça. Havia uma exigência de que o noivado ocorresse logo, para garantir o compromisso. Para ficarem noivos, o rapaz pedia a mão da moça em casamento ao pai. M. R. P. V. fala sobre as exigências de um noivado:

Quando eu era criança meu maior medo era não casar, não queria ficar como tia Maria, moça velha todo mundo arreliaava... pra casar tinha que ficar noiva, e tinha que se comportar bem, tinha noivo que não queria nem que ela saísse de casa, nem se pintar, nem andar arrumada, pros outros não olhar...²

A partir do momento em que uma moça ficava noiva, deveria mudar o seu comportamento, mostrando-se mais séria, recatada, não devendo ter amigos homens. Era tratada como se tivesse dono, pois o noivo passava a ter direitos sobre ela. O noivado nessa sociedade tinha uma importância social muito grande, representando uma etapa obrigatória entre namoro e casamento.

² Entrevista de M. R. P. V., 24.07.98.

O fim de um noivado era considerado uma tragédia para a família. Se a mulher resolvesse rompê-lo, teria que encontrar um motivo muito convincente para que a família aceitasse. Apesar disso, algumas o faziam, mas sofriam uma pressão social muito grande. Deveriam se recolher durante algum tempo, sem namorar outros homens, para não correr o risco de ficarem “faladas”. Na fala de E. B. R. percebemos que a moça que tivesse rompido o noivado se diferenciava das demais, pois alguns rapazes não a consideravam mais ideal para o casamento:

Não era fácil terminar um noivado... todo mundo falava, queria saber porque. Mesmo sem gostar, era melhor casar, pois depois de ter sido noiva era difícil arranjar um novo casamento, tinha rapaz que não queria nem saber.³

O rígido sistema de controle da sexualidade era muitas vezes desobedecido. Os namoros proibidos aconteciam às escondidas, em lugares secretos. As moças inventavam desculpas para sair de casa e contavam com o apoio das amigas para marcarem encontros e levarem bilhetes românticos.

...não tenho mais nenhum dessa época, acho que já joguei fora, mas João sempre mandava uns bilhetes pra mim, carta também. A gente marcava encontro, mas mãe não podia saber.⁴

A preparação da mulher para o casamento iniciava-se desde a adolescência. Às vezes, o enxoval começava a ser feito mesmo antes desta ter um namorado, como no caso de E. B. R.:

³ Entrevista de E. B. R., 15.11.98.

⁴ Entrevista de M. A. J., 27.11.98.

Minha mãe começou comprar as coisas (enxoval) quando eu tinha uns 12 anos, ela dizia que quem casasse primeiro levava. Ai, minha irmã arranjou um namorado e casou...⁵

A determinação dos papéis feminino e masculino dentro da estrutura do casamento começa desde a forma como são divididas as obrigações da montagem da casa. Ao homem cabe a maior parte dos bens, como providenciar a casa, os móveis, com exceção do quarto do casal, que é dado pelo pai da noiva; à mulher, levar o enxoval. O papel do homem é o de mantenedor, por isso ele precisava estar estruturado economicamente para manter uma família. O da mulher é o de cuidar dos filhos e do marido, não estando sob sua responsabilidade o sustento da casa, nem mesmo qualquer contribuição neste sustento, já que a maioria das esposas não exercia atividades remuneradas.

Processos judiciais analisados indicam como ocorre a definição dos papéis feminino e masculino no casamento. Num processo de Investigação de Paternidade de 1968, o advogado alega, a propósito da obrigação do pai para com o sustento dos filhos: *“não é justo que tais encargos (sustento e educação dos filhos) recaiam apenas sobre a mãe, quando a maior responsabilidade é a paterna”* (grifo meu).⁶ Em defesa de uma mulher que recorre à Justiça para reivindicar o reconhecimento de paternidade dos seus três filhos, o advogado utiliza o argumento da obrigação paterna para com o sustento dos filhos. Percebemos aí a tradicional divisão dos papéis feminino e masculino, cabendo ao homem a “maior responsabilidade” financeira.

⁵ Entrevista de E. B. R., 15.11.98.

⁶ Arquivo Público Municipal de Jacobina, doravante APMJ, processo de Investigação de Paternidade, nº 10554, 1968.

Em um outro processo, desta vez de Ação de Alimentos, de 1967, é o papel da mulher que aparece na fala de um juiz: “*consiste à mulher ‘colaboradora dos encargos da família’, cumprindo-lhe velar pela direção material e moral desta*”.⁷ Nesta mesma sentença o juiz destaca a obrigação do pai para com o sustento dos filhos. Neste caso, podemos perceber o contraste dos papéis feminino e masculino, cabendo à mulher administrar o lar, como uma “colaboradora” do homem. O zelo pela moral está sempre vinculado ao papel da esposa, que deve manter a harmonia do lar. Está presente aí um ideal de mulher como modelo de virtude, exigindo-se dela um comportamento exemplar, associado à santa.

Como já foi dito, o casamento possuía uma importância social muito grande. Casar uma filha “donzela” com um “bom rapaz” era motivo de orgulho para os pais, por isto este momento deveria ser partilhado com toda a sociedade local. Era muito comum a realização do pagode, festa de comemoração de casamento oferecida pelo pai da noiva. A fartura da festa indicava o prestígio social da família. Por esta razão, o pai da noiva, quando não estava em condições de promover uma boa festa, economizava durante algum tempo.

Procuramos investigar a importância relativa do casamento religioso e civil, durante o período estudado, através da análise da frequência de ambos os tipos de matrimônio.

⁷ APMJ, processo de Ação de Alimentos, nº 4845, 1967.

TABELA I - NÚMERO DE CASAMENTOS RELIGIOSOS

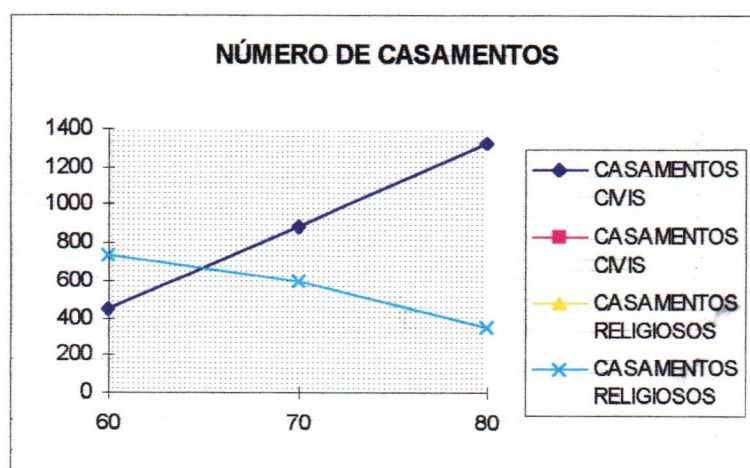
Ano	Nº Casamentos	Ano	Nº Casamentos	Ano	Nº Casamentos
1961	36	1971	61	1981	36
1962	44	1972	58	1982	51
1963	93	1973	58	1983	47
1964	60	1974	80	1984	12
1965	77	1975	102	1985	18
1966	86	1976	37	1986	11
1967	88	1977	54	1987	58
1968	65	1978	62	1988	47
1969	55	1979	52	1989	41
1970	86	1980	37	1990	31
Década 60	740	Década 70	601	Década 80	352

Fonte: Arquivo da Secretaria Paroquial de Capim Grosso e Serrolândia

TABELA II - NÚMERO DE CASAMENTOS CIVIS

Ano	Nº Casamentos	Ano	Nº Casamentos	Ano	Nº Casamentos
1961	53	1971	37	1981	122
1962	35	1972	45	1982	131
1963	65	1973	64	1983	118
1964	42	1974	80	1984	152
1965	72	1975	119	1985	138
1966	49	1976	138	1986	126
1967	54	1977	131	1987	159
1968	37	1978	111	1988	157
1969	40	1979	112	1989	119
1970	52	1980	113	1990	108
Década 60	447	Década 70	889	Década 80	1.330

Fonte: Fórum Manoel Pereira Lima - Serrolândia/BA



Tradicionalmente, o casamento deveria ser sacramentado pela Igreja Católica. Apesar do casamento civil ser o único aceito legalmente, para a maioria dos casais o que importava era o casamento religioso. Na década de sessenta, o número de casamentos civis corresponde a 60% do número de casamentos religiosos, sendo que em apenas um ano (1961) o número de casamentos civis supera o de religiosos, o que demonstra a importância deste sacramento e um certo descaso com a legalidade. Para as pessoas criadas em um universo católico era imprescindível a bênção da Igreja. Na década seguinte, há uma inversão desses dados, já que o casamento religioso passa a corresponder a 68% do número de casamentos civis. É provável que muitos desses casamentos correspondessem aos mesmos casais, que se casavam no civil e no religioso, entretanto outros se casavam apenas em um dos dois. A partir de 1973, com a Lei de Registros Públicos nº 6.015/73, o casamento religioso passa a ter efeito civil, o que vai elevar o número de casamentos civis, já que muitos padres passam a não realizar mais o casamento apenas no religioso. Na década de oitenta, o número de casamentos religiosos se reduz para menos da metade em relação à década de sessenta, correspondendo a apenas 26,5% do número de casamentos civis da década de oitenta. Há uma queda significativa no número de casamentos religiosos, principalmente entre os anos de 1984 e 1986, voltando a haver um crescimento a partir de 1987, provavelmente devido à fundação da Paróquia São Roque em Serrolândia em 08.03.1987, já que anteriormente Serrolândia pertencia à Paróquia de Capim Grosso.

A tabela abaixo apresenta a média anual de idade em que homens e mulheres se casavam no período estudado. Tendo como objetivo montar um quadro que possibilite retratar a idade com que as pessoas se casavam pela primeira vez, excluímos os dados sobre os casamentos de viúvos.

TABELA III - IDADES DOS NOIVOS NOS CASAMENTOS RELIGIOSOS

Ano	Idade Mulher	Idade Homem	Ano	Idade Mulher	Idade Homem	Ano	Idade Mulher	Idade Homem
1961	20	22	1971	20	23	1981	22	25
1962	19	24	1972	20	24	1982	20	24
1963	20	24	1973	20	24	1983	21	25
1964	20	23	1974	20	24	1984	22	25
1965	20	23	1975	21	25	1985	22	25
1966	20	23	1976	22	26	1986	24	30
1967	20	22	1977	24	29	1987	23	26
1968	20	23	1978	22	26	1988	24	26
1969	20	24	1979	23	27	1989	26	29
1970	20	23	1980	22	26	1990	25	29
Dec. 60	20	23	Dec. 70	21	25	Dec 80	23	26

Fonte: Arquivo da Secretaria Paroquial de Capim Grosso e Serrolândia

TABELA IV - IDADE DOS NOIVOS NOS CASAMENTOS CIVIS

Ano	Idade Mulher	Idade Homem	Ano	Idade Mulher	Idade Homem	Ano	Idade Mulher	Idade Homem
1961	24	29	1971	23	27	1981	22	27
1962	24	29	1972	23	28	1982	21	26
1963	24	30	1973	25	30	1983	22	26
1964	24	28	1974	23	28	1984	24	28
1965	22	25	1975	23	28	1985	22	27
1966	22	26	1976	22	27	1986	23	26
1967	24	27	1977	21	26	1987	22	25
1968	21	29	1978	23	28	1988	22	26
1969	21	24	1979	21	25	1989	23	27
1970	23	27	1980	21	25	1990	22	25
Dec. 60	23	28	Dec. 70	23	27	Dec. 80	22	26

Fonte: Fórum Manoel Pereira Lima - Serrolândia/BA

Comparando os dados contidos nas duas tabelas, percebemos uma diferença significativa na média de idade entre os casamentos religiosos e os casamentos civis na década de sessenta, sendo mais baixas as médias dos casamentos religiosos, o que vem indicar mais uma vez que a maioria das pessoas se casava pela primeira vez no religioso, sendo de 20 anos a média feminina e de 23 anos a masculina. É muito provável que esta seja a média real com que as pessoas se casavam nesse período. Esta diferença vai permanecer até a primeira metade da década de setenta, quando ocorre paralelamente um

aumento do número de casamentos civis e a diminuição do número de casamentos religiosos, provavelmente devido às mudanças legais analisadas acima. A partir daí, este quadro começa a se inverter, ou seja, a média de idade dos casamentos civis começa a cair, enquanto a de casamentos religiosos aumenta progressivamente chegando a ser na década de oitenta de 23 anos para a mulher e 26 anos para o homem. Já o casamento civil, que na década de sessenta era de 23 anos para a mulher e 28 anos para o homem, passa em oitenta para 22 anos para a mulher e 26 anos para o homem. Esta inversão pode revelar que a média real de idade em que as pessoas se casavam pela primeira vez até 1975 era a de casamentos religiosos, passando a ser, nos últimos quinze anos do período analisado, a de casamentos civis.

De forma geral, foi possível perceber que era característico casar cedo no período estudado, especialmente nas duas primeiras décadas. Encontramos casos de mulheres que se casavam entre os treze e quinze anos de idade, sendo vinte e um deles na década de sessenta e vinte na década de setenta, o que corresponde respectivamente a 2,8 % e 3,3 % do total de casamentos religiosos. Estes casos não aparecem nos casamentos civis, já que a lei não permite casamentos de mulheres com menos de 16 anos. Os homens geralmente casavam-se um pouco mais tarde que as mulheres, sendo raros os casos de homens menores de 19 anos. A menor idade masculina encontrada foi de 16 anos em um casamento ocorrido em 1962 em que a mulher tinha apenas 13 anos.

Nessa sociedade, uma mulher ultrapassar os vinte anos de idade sem se casar já era motivo de preocupação. Dizia-se que ela estava entrando no “barricão” e, se envelhecesse nessa situação era chamada “moça velha”. O termo “moça velha” vem mais uma vez indicar o significado de ser “moça”, quer dizer, virgem. A palavra moça no sentido literal significa mulher jovem, havendo assim uma contradição no termo “moça velha”.

A figura da mulher que “ficou para titia” é ridicularizada pela sociedade, já que sua condição de “solteirona” não é vista como uma escolha, mas sim como uma rejeição. Ela não conseguiu ser selecionada para aquilo que foi determinado como seu principal papel: o casamento. Parece-nos que algumas dessas mulheres quando conseguiam se casar, já depois da idade considerada “normal”, casavam-se com viúvos. Encontramos um caso bastante raro de uma mulher que se casou aos 83 anos com um viúvo de 84 anos, em 1970.

Como é possível ver nas tabelas, as diferenças de idade entre homens e mulheres não variam muito. Em geral, a diferença de idade do homem para a mulher, de acordo com as médias, era de três a quatro anos. São raros os casos em que a mulher é mais velha que o homem. O caso que mais nos chamou a atenção, por ser a maior diferença encontrada no sentido inverso do comum, foi de 1967, em que uma mulher de 42 anos casou-se com um homem de 25.

MULHER - ESPOSA E MÃE

Depois de casada a mulher adquire um novo papel social. Deverá ser uma boa dona de casa, esposa submissa e boa mãe. Ela é considerada a responsável pela educação dos filhos, apesar de geralmente não ter poder de decisão sobre eles. A imagem da mãe está relacionada à imagem de Maria, pura, assexuada, bondosa, aquela que é capaz de sacrificar-se constantemente, vivendo em função da família. O amor materno é considerado um dom natural. Daí a expressão popular “mãe desnaturada”, usada em Serrolândia ainda hoje, referindo-se à mãe que abandona o lar, deixando os filhos.

Em um processo de desquite judicial (1967), em que a esposa é acusada de abandono do lar, a fala do advogado do marido reflete esta concepção: “*cuidando da educação do menor, vem (o marido) desvelando no seu duplo papel, em vista do abandono a que se viu relegado por uma imposição materna.*” (Grifos meus)⁸ É enfatizado aqui o “duplo papel” exercido pelo marido abandonado. No discurso do advogado é inaceitável que o pai cuide do filho, uma vez que esta é uma obrigação materna. O homem é colocado como vítima da irresponsabilidade da mulher, que não cumpriu o seu papel, se vendo “relegado por uma imposição materna” a assumir um papel que não é o seu.

Elizabeth Badinter ao discutir o amor materno, desconstrói a idéia deste sentimento como inato, já que ele teria sido naturalizado no mundo moderno. A autora demonstra que, no decorrer da história, a importância deste sentimento variou de acordo com as circunstâncias, sendo o final do século XVIII o momento em que se desenvolve um discurso moralizador no qual se constrói um ideal de mãe:

*“No fim do século XVIII, o amor materno parece um conceito novo. Não se ignora que esse sentimento existiu em todos os tempos, se não todo o tempo e em toda parte (...) Mas o que é novo, em relação aos dois séculos precedentes, é a exaltação do amor materno como um valor ao mesmo tempo natural e social, favorável à espécie e a sociedade.”*⁹

A naturalização do amor materno impõe às mulheres um modelo de abnegação e resignação característico da santa. Daí as comemorações do dia das mães representarem uma glorificação dessa mulher. Num conhecido poema, muito utilizado nestas comemorações em Serrolândia, aparece este ideal:

⁸ APMJ, processo de Desquite Judicial, nº 4865, 1967.

⁹ Elizabeth Badinter. “Um novo valor: o amor materno” In *Um amor conquistado: o mito do amor materno*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira. 1985. p. 145-146.

Ser mãe

*Ser mãe é desdobrar fibra por fibra
O coração! Ser mãe, é ter no alheio
lábio que suga, o pedestal do seio,
onde a vida, onde o amor cantando a vibra.*

*Ser mãe é ser um anjo que se libra,
Sobre um berço dormindo! É ser anceio,*

*é ser temeridade, é ser receio
é ser força que os males equilibra!*

*Todo bem que não gosa é bem do filho,
espelho em que se mira afortunado
luz que lhe põe nos olhos novo brilho*

*Ser Mãe é andar chorando num sorriso!
Ser mãe é ter um mundo e não ter nada!
Ser mãe é padecer num paraizo!¹⁰*

Uma boa esposa e mãe deve sacrificar-se constantemente pela família, vivendo em função dos outros. Isso levou algumas mulheres a sentirem-se culpadas, quando procuravam realizar-se como pessoa, buscando prazer e felicidade que não estivessem relacionadas com o prazer e felicidade da família.

Em Serrolândia, para uma mulher casada era difícil fugir deste modelo, uma vez que o controle social sobre ela era maior. O seu comportamento estava submetido à vigilância de toda a sociedade.

Duas histórias encontradas nos processos judiciais nos chamaram atenção devido à agressividade contra a mulher presente nos discursos.

¹⁰ Poema de Coelho Neto, publicado no Diário da Bahia, em 07.02.1901.

Em 1967, um processo de desquite judicial¹¹ foi movido contra o prefeito da cidade por sua esposa. A. L. S. alega ter sido mal tratada e caluniada por V. A. S. durante o tempo em que estiveram casados, sendo expulsa do “lar conjugal”, e reivindica o desquite judicial. Diz ter sido ameaçada por seu marido, após tê-lo denunciado à Justiça Eleitoral por possuir dois títulos de eleitor (um de Serrolândia e outro de Queimadas). Segundo o advogado dela, ele teria ficado detido por dois meses quando feita a denúncia.

O marido contesta a ação movida por ela e pede a reconvenção, desmentindo-a e acusando-a de “ébria contumaz”, adúltera e prostituta. Vejamos alguns trechos do discurso do advogado dele. Quer se desquitar

“de uma mulher a quem falecem os mínimos requisitos indispensáveis a uma esposa (...) vem procedendo de modo reprovável, traindo o esposo e residindo em lugares condenados pela moral e bons costumes. Em verdade, a suplicante tem vendido por preço vil a sua honra, entregando-se ora a um ora a outro, uma verdadeira Messalina”

Aqui aparece a imagem da “antiesposa”, já que lhe faltam “...os mínimos requisitos indispensáveis...”. É provável que acusá-la de prostituta e infiel fazia parte da tentativa de desqualificá-la enquanto esposa, transformando o homem, acusado de agressor, em vítima:

“...atualmente (...) vive nos bordéis da capital paulista, dando largas ao seu temperamento lascivo, livre finalmente das convenções sociais que aqui em nossa zona acanhada, poderia obstacular o destino que escolheu.”

¹¹ APMJ, processo de Desquite Judicial, nº 4865, 1967. Todas as citações desta página até a página 35 referem-se a este processo.

Ao destacar o “temperamento lascivo” da mulher, o advogado retoma o discurso da mulher naturalmente destinada à tentação, a descendente de Eva. As convenções sociais de uma pequena cidade, “zona acanhada”, serviriam para reprimir seu instinto libidinoso e impedi-la de cumprir o “destino que escolheu”.

Na defesa de A. L. S., acusada de não cumprir o seu papel de esposa, seu advogado usará argumentos para tentar comprovar a sua “honestidade”. Chamando de “novela de aldeia” e considerando “falsas suposições” os argumentos colocados pelo seu colega a respeito dela, ele informa que ela foi para São Paulo por não poder sobreviver aqui e lá vive, *“HONESTAMENTE, empregada numa fábrica de plástico (...) vive humildemente, enquanto ele goza dos prazeres de chefe político, recebe visitas de ‘jovens princesas’ à noite.”*

Os depoimentos das testemunhas de V. A. S. não se diferenciam muito do discurso do advogado no que se refere ao papel da mulher nesta sociedade. Sobre ela:

J. M. J.: *“ouviu dizer (...) que ela foi para São Paulo com J. M. e que bebia muito (...) deixou o lar conjugal”*

V. M. M.: *“... não sabe propriamente o motivo do abandono do lar por parte da autora, mas acha que se trata de mulher de vida irregular, uma vez que, saiu do seu lar para lugar ignorado, em companhia de outro homem.”*

R. M. L.: *“...não tinha vida regular de uma senhora casada, porque fazia compra de cachaça em bares e as deixava para que o marido as pagasse.”*

V. D. S.: *“...se valia de seu próprio filho menor, para comprar bebidas alcoólicas nos bares para seu marido pagar.”*

As testemunhas, todas do sexo masculino, confirmam a história de que A. L. S. teria abandonado o lar e fugido com outro homem, que se embriagava, negando os maus tratos denunciados por ela. Nos cinco depoimentos, percebemos uma certa uniformidade nos discursos. Provavelmente treinadas pelo advogado, as testemunhas confirmam as

mesmas informações. Porém, nenhuma delas afirma ter presenciado os fatos relatados. Geralmente se baseiam no que ouviram dizer, emitindo opiniões subjetivas.

Por ser um fato que envolve a vida íntima de um chefe político, é provável que esta história tenha gerado um grande escândalo numa cidade pequena, adquirindo um cunho político. Observamos que a relação das testemunhas apresentadas por ela é a de inimigos políticos dele, uma delas tornando-se prefeito depois. Estas testemunhas não chegaram a ser ouvidas, pois A. L. S. desiste do processo, não comparecendo à audiência final.

O juiz julga improcedente a ação de desquite nos termos propostos por A. L. S., e procedente a reconvenção para decretar o desquite do casal solicitada por V. A. S. Sendo assim, ela perdeu o nome de casada, a guarda do filho e foi condenada a pagar os honorários do advogado dele. Observemos o que diz a sentença:

Ementa: "a mulher casada que abandona o lar conjugal em companhia de amante, incide no preceito do artigo 317, III Código Civil, justificando-se o pedido de desquite do marido em reconvenção cuja procedência se impõe ante a prova dos autos"

É difícil chegarmos a certas conclusões com respeito a esse processo, já que ele foi, de certa forma, interrompido pela ausência de uma das partes (a mulher), impossibilitando-nos saber qual teria sido o resultado final, caso A. L. S. não tivesse desistido. Entretanto, a própria desistência é significativa, quando pensamos que ela própria iniciou o processo. É provável que sua desistência esteja relacionada ao fato dela perceber a impossibilidade de ter um resultado favorável. Outra hipótese é a de que ela teria desistido por falta de condições financeiras. Não seria fácil lutar contra um homem

que tinha poder político e condição financeira bem melhor que a sua. O seu advogado afirma que ela “vive humildemente, enquanto ele goza dos prazeres de chefe político”.

Parece-nos impossível analisar este fato sem levar em conta sua dimensão política. Um prefeito eleito pelo partido mais conservador (ARENA) e associado ao governo militar, numa região em que as práticas coronelistas eram (ou ainda são) tão comuns, dificilmente deveria ser desafiado por qualquer pessoa, pois a perseguição política era uma prática corrente nesta sociedade. Podemos imaginar, portanto, o quão grave seria ser afrontado pela própria esposa. Não deixa de ser uma ousadia para uma mulher, na década de sessenta, fazer uma denúncia contra o seu próprio marido, prefeito da cidade, levando-o à prisão.

Outro processo, muito extenso e interessante trata de uma Investigação de Paternidade, de 1968¹². Encaminhado por uma mulher contra um homem com o qual viveu aproximadamente sete anos (existem controvérsias no processo) e teve três filhos, que nunca foram reconhecidos por ele, apesar dos dois terem sido casados no religioso. Ao encaminhar o processo, ela já se encontrava casada civilmente com outro homem, residindo em Senhor do Bonfim.

Na versão da autora do processo (A. A. S.), ela teria sido seduzida por L. M., em 1949, quando morava em Mundo Novo, em companhia dos pais. Casaram-se no religioso um ano depois, em Itapeipu (município de Jacobina), “enfrentando a oposição da família” dela. Viveram juntos de 1950 a 1956, e tiveram três filhos. Até 1956 ele sustentava a família, quando, “...deixou de viver com a depoente não fornecendo mais os meios de subsistência...” (depoimento pessoal da autora). A partir daí, ela passou a ser

¹² APMJ, processo de Investigação de Paternidade, nº 10554, 1968. Todas as citações desta página até a página 42 referem-se a este processo.

sustentada, juntamente com os filhos, pelo irmão do acusado, quando tentou inutilmente a reconciliação, procurando apoio dos pais dele.

L. M. contesta a ação através do seu advogado, que se manifesta de forma veementemente ofensiva contra A. A. S. Eis um trecho da contestação:

“Conhecera uma hetaira astuciosa e audaz cortesã que vivia em Mundo Novo em patente poliandria, não em casa dos pais que jamais residiram lá, mas nos precários lupanares da cidade. Jogada na sarjeta da vida, cheia de moléstias adquiridas no mais vil bas fond daquela urbe (...) trouxe-a como sua concubina, na esperança de poder transformar aquela alma vil de bagaxa vulgar numa mulher honesta.”

Com o intuito de desmentir totalmente a versão da autora, o advogado apresenta uma história novelesca, que procuraremos descrever aqui: L. M. teria encontrado A. A. S. já grávida do primeiro filho, quando a tirou “dos precários lupanares da cidade” com a intenção de transformar uma prostituta numa “mulher honesta”. Sua tentativa foi inútil, pois descobriu mais tarde que sua “concubina” o traía, aproveitando sua ausência, já que ele era motorista e viajava, ficando fora por alguns dias:

“...na sua ausência mandava braza (...) Atraiçoava o peticionário de todas as maneiras, dando evasão ao seu instinto poliândrico (...) insaciável concubina (...) mantinha relações íntimas e pecaminosas com o atual marido”

Certa vez, após tentar suicídio “ateando fogo às vestes”, ela lhe confessou que os filhos não eram dele. Mesmo sabendo da traição, L. M. deu-lhe novamente uma chance de redimir-se:

“...o réu, humanamente, chamara a atenção dela, conformando-se com tudo e, pedindo que, daquela época em diante, fosse honesta e compreensiva.”

Apesar do perdão do marido, A. A. S. continua a traí-lo. Tenta matá-lo com um punhal e finalmente foge com seu amante, que mais tarde se tornaria seu marido, levando junto os filhos. Além deste, ela possuiria outros amantes em Serrolândia:

“Entre estes, figura A. R., que foi coagido pela infiel amante a com ela casar-se. Não fosse a consideração que A. R. dispensava ao réu, ter-lhe-ia tomado a volúvel concubina.”

Além de investir na destruição da imagem da ex-mulher do seu cliente, o advogado ainda tenta desqualificar seus filhos, “frutos da traição de sua mãe”. Não pode deixar de

“salientar que uma investiganda vive atirada ao mundo, visitando lupanares e procedendo irregularmente enquanto outro deles mora no bas fond onde fuma maconha, joga, não trabalha....”

As palavras usadas por este advogado, referindo-se à autora do processo, nos remete aos discursos misóginos dos teólogos medievais. A mulher-demônio, descendente de Eva, perigosa e poderosa, aparece na construção de um contra-ideal à esposa-mãe. A mulher “astuciosa”, “audaz”, “alma vil”, capaz de enganar aquele que lhe estende a mão, dando-lhe a oportunidade de regenerar-se. O “instinto poliândrico” de “insaciável concubina” a torna naturalmente destinada ao pecado. Dada ao crime, atenta contra a própria vida e a de quem foi capaz de tudo perdoar-lhe. Esta imagem parece-nos próxima da “degenerada nata”, discutida por Margareth Rago ao analisar o discurso

médico e jurídico do século XIX, que relacionava a prostituição com hereditariedade e destino.¹³

Para reforçar a idéia de natureza má, o advogado também investe contra o caráter dos filhos de A. A. S. Ao defini-los como “frutos da traição da sua mãe” ele insinua uma depravação hereditária, o que nos remete ao mesmo discurso.

Em *Os Prazeres da Noite*, a autora supracitada analisa o discurso de médicos e juristas do século XIX em relação à prostituta. As teorias científicas surgidas na Europa e reproduzidas no Brasil pelos médicos atestavam a inferioridade da mulher, considerada biologicamente mais frágil que o homem. A prostituta era vista como “mulher anormal”, “delinqüente nata”. Para estes médicos a “mulher normal” tem baixa necessidade sexual, pois seu instinto materno a leva a fazer sexo apenas para procriar. A prostituição é vista como uma alteração do “quadro normal” da mulher. Ao mesmo tempo em que culpam a prostituta pela prostituição, se desenvolve todo um ideal de mulher divinizada, pura, vista como altruísta, disciplinadora da sociedade. As dicotomias Eva / Maria, prostituta / santa aparecem novamente. No discurso jurídico, a prostituição é vista como hereditariedade e destino. Rago destaca a importância do pensamento do Dr. Cesare Lombroso na construção desse discurso. Para ele, há uma diferença genética entre a “mulher normal” e a prostituta, esta última sendo vista como uma “mulher inacabada”, de loucura moral, criminosa, comparada ao louco mental na sua identidade psicológica.¹⁴

Na construção da imagem da mulher-demônio, o homem aparece nesse processo como oposto a ela, considerado vítima de sua astúcia. Exemplo de resignação, ao aceitar passivamente a traição, ele se enquadraria na figura popular do marido traído, considerado nessa sociedade como o que há de mais degradante para um homem. De toda a

¹³ Margareth Rago. *Os prazeres da Noite: prostituição e códigos da sexualidade feminina em São Paulo (1890-1930)*, Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1991, p. 142.

¹⁴ *Ibid.* ver parte II, cap. 3.

história apresentada pelo advogado, talvez este seja o ponto com menor possibilidade de convencimento. Parece-nos difícil imaginar que um homem, vivendo numa cidade tão pequena, em que os valores machistas são predominantes, no início da década de cinquenta, aceitasse se casar (na Igreja) com uma prostituta grávida. Mais inacreditável ainda é, depois disso, aceitar uma traição tão evidente, segundo ele próprio, se expondo ao ridículo.

É interessante notar que a acusação vai se utilizar do mesmo discurso dicotômico (Eva / Maria, prostituta / santa), porém, tenta inverter a imagem da mulher, colocando-a como exemplo de virtude e bom comportamento. De acordo com as testemunhas dela:

A. O.: *“...quando iniciou o namoro com ele, era uma moça honrada e de família” (...)* Que ela conheceu o atual marido *‘depois que já tinha se separado de L. M. (...) ela tem procedimento correto (...) nunca soube que ela mantivesse relações amorosas com outra pessoa.’*
(Grifo meu)

E. M. (irmão do acusado): *“...que o procedimento de A. A. S. é exemplar (...) que L.M. considerava os meninos como filhos (...) que não é inimigo do irmão”*

F. M.: *“...não sabe fato que venha desabonar a conduta dela, no que diz respeito a sinceridade conjugal”*

Por ter sido apresentada uma história tão fantasiosa pela defesa, tornou-se difícil a comprovação dos fatos. Os depoimentos das testemunhas dele não confirmam quase nenhuma informação e o próprio acusado não consegue manter a versão levantada pelo advogado, se recusando inclusive a ser fotografado ao lado dos supostos filhos. Vejamos alguns trechos destes depoimentos. Depoimento Pessoal de L. M.:

“...que desta união o depoente teve com A. A. S. três filhos (...) tem motivo para desconfiar da fidelidade (...) porque ela saía em viagem

com pessoas desconhecidas, do sexo masculino (...) Em Serrolândia o povo fala muito da infidelidade de A. A. S. (...) Em Itapeipu ouviu falar uma coisinha de A. A. S. (...) não era uma mulher de vida, mas não era mais virgem.”

Testemunhas dele:

L. J. S.: *“...é uma mulher honesta, mas havia muito boato na rua contra ela (...) acusavam a autora de ser infiel a ele”* (Grifo meu)

D. A. O.: *“...ouvia falar que ela era infiel a L. M...”*

A. R. R.: *“...o comentário de alguém é grande (...) comentavam sobre sua infidelidade, porque a mesma hospedava pessoas. (...) Em Serrolândia se comenta que as crianças têm outro pai (...) a saber destes fatos por conversas de rua”*

B. P. M.: *“...lá em Serrolândia o povo fala muito que A. A. S. não era fiel a L. M.”*

É interessante notar que, como no outro processo, as fontes de informação dos depoentes são vagas. Os depoimentos demonstram insegurança nas afirmações e até uma defesa de A. A. S. como “mulher honesta”, baseados sempre em “ouvir dizer”, “o povo falava”, o que está presente no próprio depoimento do acusado. Sem dúvida alguma, isto influenciou no resultado da sentença, assim como as provas apresentadas pela acusação. Relacionamos aqui algumas delas: atestado comprovando que a filha estuda em escola religiosa, em regime de internato e que tem bom comportamento (assinado pela mãe); comprovante de pagamento do Colégio do filho; atestado do Promotor de Justiça, comprovando residência dos filhos e abaixo-assinado por pessoas influentes de Senhor do Bonfim: prefeito, delegado, comerciantes, profissionais liberais e fazendeiros, com o seguinte teor:

“Conhecemos há muito tempo Dona A. A. S., e sempre foi uma pessoa de princípios, com procedimento correto e honrado, jamais praticando atos reprovados pela moral e bons costumes. Estamos prontos para depor se necessário...”

O resultado da sentença judicial não nos surpreende, ao ser favorável a ela, confirmando a paternidade dos filhos e obrigando o pai a pagar pensão para estes. O acusado recorre à sentença, porém não acrescenta nenhum dado novo, não tendo assim muita chance de inverter o resultado a seu favor. Seu advogado insiste no mesmo discurso:

*“voluptosa que sempre foi (...) o bom senso não admite a alegação que A. A. S., com três filhos, estivesse **prendamente** em sua casa, **possuída de virtudes essencialmente femininas**, com candura angelical, e F. M. S. viesse e dela solicitasse a mão em casamento.”*
(Grifo meu)

A “degenerada nata” reaparece: “voluptosa que sempre foi” não poderia ela, de repente, se transformar numa “mulher normal” - “possuída de virtudes essencialmente femininas”.¹⁵

A sentença final dada pelo juiz, novamente em favor da autora do processo, baseia-se no mesmo referencial da mulher honesta. A vitória de A.A.S. foi provavelmente facilitada pelo fato da acusação ter conseguido construir um discurso fundamentando sua “honestidade”, enquanto a defesa se perdeu em contradições. A fala do Juiz reproduz esse mesmo discurso. Na argumentação da sentença, retoma todas as falas que procuram comprovar a honestidade da autora, além de reforçar a idéia da normalidade, considerando impossível para um homem casar-se com uma prostituta e continuar vivendo com esta depois de traído: “...*não se pode conceber que um **homem normal** tendo certeza da infidelidade da companheira continuasse vivendo com a mesma (...) deixando que ela o abandone sem antes fazê-lo.*” (Grifo meu).

¹⁵ Rago, *Os prazeres da noite...*, op. cit., p. 157-162.

É muito provável que A. A. S. não teria conseguido reunir as provas e as testemunhas que conseguiu, nem teria obtido o mesmo resultado da sentença, se estivesse sozinha, sem a proteção de um homem, com um certo prestígio social, sendo este mencionado pelo advogado dela como “um homem de caráter e destaque”. Isto não ocorreu com a personagem do processo de desquite judicial, analisado anteriormente. O prestígio social que ela adquire ao casar-se judicialmente com este homem pode ser notado tanto na comprovação de que seus filhos estudavam em escolas particulares caras, como as Sacramentinas, como também pelo fato de ter conseguido reunir assinaturas das pessoas mais influentes de Senhor de Bonfim, inclusive do prefeito.

É relevante notar aqui a predominância masculina nos dois processos. Além dos advogados, do juiz (que é o mesmo nos dois processos), e dos promotores, todas as testemunhas são do sexo masculino, o que nos remete à discussão da mulher vista pelo olhar masculino.

O número de processos de desquite encontrados na década de sessenta foi muito pequeno, tendo sido encontrados somente um processo de desquite amigável, de 1966, e um processo de desquite judicial, de 1967, analisado aqui. O mesmo ocorre com processos de investigação de paternidade e ação de alimentos. Encontramos apenas um processo de investigação de paternidade e dois de ação de alimentos, neste mesmo período. Isso nos leva a nos perguntarmos se nesta sociedade os homens costumavam sempre assumir a responsabilidade paterna no sustento dos filhos¹⁶. Acreditamos que essa não seja a causa do pequeno número dos processos. É provável que as mulheres não procurassem a justiça com muita frequência. Não é difícil imaginar as razões disso, se lembrarmos a

¹⁶ Alberto Heráclito Ferreira Filho discute a responsabilização atribuída exclusivamente às mulheres na criação dos seus filhos, apontando a sua origem nas instituições e dinâmica escravistas. *Salvador das Mulheres: condição feminina e cotidiano popular na Belle Époque imperfeita*. Salvador, 1994, dissertação de mestrado, p. 20.

desmoralização a que estavam submetidas as mulheres que recorriam a um processo judicial, expondo-se a todos os tipos de acusação.

No caso dos desquites, o pequeno número de processos encontrados indica que esta não era uma prática comum na sociedade analisada. Para a mulher não era fácil se separar, levando em conta que a maioria dependia economicamente do marido. Além disso, ela perderia o status de “mulher casada”. As mulheres separadas eram chamadas de “mulher largada”, o que dá a idéia de abandono. Para se manter como uma “mulher direita” era exigido dela a castidade. Como aparece na fala de E. B. R., era muito difícil para uma mulher separada, iniciar um novo relacionamento afetivo, pois estava submetida ao preconceito, sendo vista às vezes como um objeto sexual:

Naquela época quase ninguém se separava. Para a mulher era muito difícil encontrar outro homem que quisesse assumir ela, por que eles só queriam se aproveitar (...) depois o povo fala muito, num vale a pena não...¹⁷

Não encontramos nenhum caso de pessoas divorciadas que voltaram a se casar nas décadas de sessenta e setenta. Apenas na década de oitenta foram encontrados sete casos de homens divorciados que voltaram a se casar. No entanto, encontramos apenas uma mulher nesta mesma condição que se casou com um homem também divorciado. Estes dados nos indicam que era muito mais difícil para a mulher separada voltar a se casar do que para o homem.

O adultério, termo utilizado apenas para os romances extraconjugais femininos, é o que há de mais condenável para uma mulher nessa sociedade. Isto ficou evidenciado nos processos analisados. Ela passa a ser considerada um ser destruidor da

¹⁷ Entrevista de E. B. R., 15.11.98.

família, pois profanou o sacramento matrimonial. Percebemos a gravidade desse “pecado” nos discursos das próprias mulheres. Vejamos parte de uma entrevista com uma prostituta:

*...o mundo de hoje tá perdido, minha filha, as mulheres não tem mais vergonha, arranja outro... eu me orgulho de nunca ter sujado um sacramento...*¹⁸

Quando ela demonstra orgulhar-se de “nunca ter sujado um sacramento”, parece-nos que, para ela, o adultério é mais grave do que a prostituição, já que a prostituta assume o seu papel, enquanto a mulher adúltera está subvertendo uma ordem estabelecida.

Ao analisar a importância do casamento na sociedade serrolandense, podemos identificar mais uma vez a presença das imagens dicotômicas Eva / Maria, representadas pela construção de um ideal da mulher honesta, esposa e mãe em oposição as mulheres desviantes, associadas à imagem da prostituta.

¹⁸ Entrevista de J. S., 25.11.98.

CAPÍTULO III

OS ANOS REBELDES

No final da década de sessenta e início de setenta, os movimentos de juventude ocorridos na Europa vão ter uma grande repercussão no Brasil. Numa época de ditadura militar violenta, os jovens expressavam seu desejo de mudar a sociedade de forma radical, propondo uma revolução que atingia uma extensa gama de aspectos da vida social.

“Era uma juventude que se acreditava política e achava que tudo devia se submeter ao político: o amor, o sexo, a cultura, o comportamento”¹

Questionando valores tradicionais como a família, o casamento, a virgindade, a religião, a propriedade privada, jovens inconformados com o sistema formavam comunidades alternativas. Com o objetivo de criar uma nova sociedade em que “é proibido proibir”, essa juventude inventa sua própria forma de vestir, o sexo é dissociado da idéia de pecado, a exigência da virgindade e o casamento passam a ser criticados. O estereótipo da mulher esposa-mãe-dona-de-casa, frágil e submissa, passa a não ser mais aceito por determinados grupos. A pílula anticoncepcional teve grande contribuição na mudança do comportamento sexual feminino, apesar de não atingir a todas as classes e existir muito preconceito, na época, quanto ao seu uso.

¹ Zuenir Ventura, 1968: *o ano que não terminou*, São Paulo: Círculo do Livro, 1988, p. 37.

De forma geral, o que caracterizava essa juventude era a vontade de experimentar. Isso levava a um certo desprezo pelo passado e impaciência em relação ao futuro. “Não confie em ninguém com mais de trinta” era um dos lemas.

Essas mudanças ocorreram nas grandes cidades e atingiram principalmente os jovens de classe média. Sua influência nas pequenas cidades foi pequena, pelo menos na época, provavelmente devido à pouca circulação de informações. Os meios de comunicação eram escassos. A primeira televisão chegou a Serrolândia por volta de 1972, havendo apenas o rádio e revistas que eram trazidas de fora.² De qualquer modo, ecos das transformações chegaram a Serrolândia, por vias específicas.

Assim como a maioria das pequenas cidades do interior do Nordeste, Serrolândia sempre teve sérios problemas de desemprego. Como nos anos sessenta a maioria da população morava na zona rural³, tinha que enfrentar grandes períodos de seca, o que fazia com que a migração da população masculina fosse bastante elevada.

A necessidade dos homens saírem para trabalhar em outras cidades gerava os “namoros por correspondência”. Alguns casais, diante dessa situação, ficavam noivos até que fosse possível o retorno do noivo para que ocorresse o casamento. O noivado, neste caso, era uma forma de garantir o compromisso. Este parece ser o caso de A. P. N., motorista de caminhão, que fazia longas viagens e retornava para ver sua noiva, que morava na zona rural. Como eles passavam muito tempo sem se encontrar, costumavam se comunicar através de cartas:

² Entre as últimas, as principais eram: Sétimo Céu, Contigo, Manchete, O Cruzeiro.

³ Não tivemos acesso aos dados sobre a população rural e urbana da década de sessenta. Porém, podemos afirmar, com uma certa garantia, que a população rural era superior à urbana. De acordo com o senso demográfico de 1991, a população rural era de 7.061, enquanto que a urbana era de 4.337 (IBGE-1991).

Serrolândia, 04.05.66

Queridinha R.
Saudações

Espero que ao receber destas esteja com saúde você e família. R., por intermédio desta quero dizer-te que estou morrendo de saudade de você meu bem, gostaria que você sentisse o mesmo por mim. R., sábado, dia 14 estarei aqui, tenho muito o que conversar com você, venha pra voltar domingo. R., se me ama faça o possível e venha. R., não me queira mal por que demorei de encontrar com você, se faço assim é a bem estar de nosso futuro. R. só pessoalmente posso dizer-te quanto te amo e a saudade que sinto de você. Sem mais meu abraço saudoso.

A. P. N.⁴

A. P. N. justifica a sua ausência argumentando que ela é necessária para a construção de um futuro, provavelmente no casamento. Ele insiste na necessidade do encontro, já que pouco se viam, através do romantismo típico das cartas de amor.

A maioria dos homens saía, principalmente para São Paulo. Em consequência disso, eles tinham mais oportunidade de viajar que as mulheres, e geralmente tinham mais contato com as mudanças ocorridas nas grandes cidades. As atitudes de alguns rapazes, quando regressavam das cidades grandes, assustavam os mais velhos. Um dos entrevistados conta:

Quando eu cheguei de São Paulo, fui vê meu pai lá na roça, quando saí eu esqueci de dar a bênção e ele ficou foi brabo, falando que não aceita essa "civilidade" de hoje em dia... Ele era muito ignorante, costumava dizer que 'homem de relógio no braço e cabeça no tempo não era homem'⁵

⁴ Carta recolhida da entrevistada M. R. P. V.

⁵ Entrevista de A. P. N., 17.12.98.

Parece-nos que o fato desses jovens voltarem com um novo comportamento gerava sérios problemas com os pais. É muito interessante a rejeição do pai ao que ele chama de “civilidade”, que talvez significasse para ele uma ruptura com os valores tradicionais. A definição do “ser homem” está relacionada à manutenção de costumes tradicionais como usar relógio de bolso e chapéu. Usar óculos escuros e beijar as moças no rosto, também causava estranheza, como aparece na fala de E. V. M., ao nos contar sobre a chegada de seu noivo de São Paulo em 1969:

Ele chegou da casa de Dona Julieta, aí quando ele chegou eu tava no varandado. Ele falou comigo e me deu um beijo na testa e as meninas ficaram tudo marela... porque foi na frente de papai.⁶

No processo de desquite judicial, de 1967, analisado no capítulo anterior, também aparece um discurso moralista, relacionando o “mau comportamento” de um homem casado como “reflexo da juventude atual”. O advogado se refere ao marido, acusado de infiel pela mulher, como “playboy”:

“Voltava altas horas da madrugada das casas de tavolagem, dos lupanares, das tabernas onde diuturnamente joga baralho, (...) reflexos da juventude atual (...) um verdadeiro playboy.”⁷

Em 1969, chegou a Serrolândia, de São Paulo, uma banda de música chamada “Los Cravos”. Um dos seus componentes era natural de Serrolândia, e os outros de São Paulo. Esses rapazes faziam sucesso entre as mulheres. Mas os pais proibiam as suas

⁶ Entrevista de E. V. M., 19.11.98.

⁷ APMJ, processo de Desquite Judicial, nº 4865, 1967.

filhas de namorá-los pois, além de serem artistas, vinham de fora, com comportamento diferente:

Quando chegou a banda aqui, as menina ficava tudo assanhada, só que os pais num queria deixar namorar, sabe como era naquele tempo...Ninguém conhecia, usava umas roupa diferente, tudo artista.⁸

É provável que as novidades tenham influenciado de uma certa forma a sociedade serrolandense, questionando seus valores, provocando algumas mudanças no comportamento, tanto dos homens, como das mulheres.

Como na década de setenta não havia muitas formas de lazer em Serrolândia, os jovens promoviam suas próprias diversões. Era realizado, entre essa juventude, um tipo de festa que eles chamavam de “assustado”. Essas festas ocorriam em suas casas com música e bebida, e só podiam durar até as 22:00 horas, o horário normalmente estabelecido para as moças voltarem para casa. Havia permissão da maioria dos pais para essas diversões em grupo.

As maiores mudanças no comportamento sexual das mulheres parecem ter ocorrido, em Serrolândia, por volta do final da década de setenta e início dos anos oitenta. Algumas das entrevistas realizadas sugerem essas transformações. Muitas “moças de família” começaram a casar grávidas, o que reflete uma mudança em relação ao ideal de virgindade, que começa a ser rejeitado. As moças passavam a ter relações sexuais com seus namorados, mas geralmente em relacionamentos que inspiravam segurança e um certo compromisso, pois temiam perder seus namorados depois de não serem mais virgens. Em

⁸ Entrevista de C. B. R., 12.09.98.

alguns casos, elas chegavam a engravidar propositalmente para forçar o casamento.

Segundo uma das entrevistadas,

Quase todas as minhas amigas começaram a transar e a gente tinha um pouco de medo dele não querer casar mais, por isso que tinha umas que não se preveniam e dizia que não se importava de engravidar, que não era boba...⁹

Havia na época uma grande necessidade de se falar em sexo. Uma leitura muito comum entre as mulheres era a de revistas como *Carinho*, *Carícia* e *Capricho*, e romances do tipo *Júlia*, *Sabrina* e *Bianca*, que traziam todo um “ideal romântico” em que sexo e amor estão diretamente relacionados, superando a idéia de pecado.

Era muito comum também as moças fazerem cadernos de confidências, verdadeira mania da época. Feito pelas mulheres, com perguntas pedindo a opinião dos confidenciados sobre vários assuntos, o caderno circulava entre os amigos homens e mulheres. Foi bastante difícil encontrar um caderno de confidências da época, pois muitas donas desses cadernos, após se casarem, tratavam de destruí-los para evitar o ciúme dos maridos em relação ao seu passado. Conseguimos encontrar apenas dois, datados de 1978 e 1989.

O primeiro, apesar de incompleto, já que foi respondido apenas por uma mulher, nos ajuda a refletir sobre alguns valores da época. Eis as perguntas:

1. *Seu perfil.*
2. *Onde reside?*
3. *Que achas da amizade?*
4. *Que achas do aborto?*
5. *Estudas? Que achas?*

⁹ Entrevista de M.G.V.B., 14.12.98.



6. *Que acha do mundo atual?*
7. *Gosta de música?*
8. *Que acha da simplicidade?*
9. *Tem namorado (a)?*
10. *Seria possível citar o nome dele (a)?*
11. *Onde reside e o que faz?*
12. *O que sente por ele (a)?*
13. *Que música trouxe mais recordações a vocês?*
14. *Seria capaz de trair seu namorado?*
15. *Que achas do matrimônio?*
16. *O que mais admira na mulher?*
17. *E no homem?*
18. *Qual o seu hobby?*
19. *Queres casar?*
20. *Qual a sua opinião sobre o divórcio?*
21. *Gosta de crianças? Que vê nelas?*¹⁰

Destacamos algumas respostas que estão relacionadas ao tema estudado:

Questão 4 - "Condeno, matar uma vida no ventre de uma mulher é doloroso."

Questão 6 - "Muito evoluído, mas temos que aceitar a realidade dela"

Questão 14 - "Jamais, ninguém merece um tipo de humilhação dessas."

Questão 15 - "Na verdade eu não sei definir o que é casamento, mas deve ser um passo muito decisivo da pessoa."

Questão 16 - "A personalidade, o jeito de se vestir, a maneira dela agir consciente."

Questão 17 - "A honestidade, responsabilidade, compreensão, maneira de se vestir e agir."

*Questão 20 - "Sou a favor, mas faria o possível para não chegar a esse ponto."*¹¹

Nota-se que havia um certo moralismo disfarçado. A determinação dos papéis feminino e masculino, abordada nos capítulos anteriores, se mantém de alguma

¹⁰ Caderno de Confidências de 1978, recolhido de uma entrevistada.

¹¹ Idem.

forma. Quando se admira no homem características como honestidade e responsabilidade, talvez se esteja relacionando-o às atividades tradicionalmente masculinas no mundo público. As características admiradas na mulher (personalidade, modo de vestir e de agir) aparecem de forma muito vaga, mas podemos perceber um certo distanciamento do modelo mais tradicional anterior, já que não aparecem os atributos “tipicamente femininos” como delicadeza, bondade e compreensão, esta última admirada no homem.

Uma comparação entre as observações acima e os resultados da análise de um outro caderno de confidências, datado de 1989, nos dá indicações sobre mudanças no período estudado. No caderno mais recente, são muito mais evidentes as opiniões a respeito de questões afetivas e sexuais, refletindo, de certa forma, transformações na mentalidade da juventude. Diferentemente do outro caderno, que estava incompleto, este foi respondido por vinte e uma pessoas, das quais onze do sexo feminino e dez do sexo masculino, com idades que variam entre 11 e 23 anos.

Estão listadas abaixo todas as questões contidas no caderno, porém nossa análise se restringirá às que julgamos mais relacionadas ao tema estudado. As respostas dadas pelas pessoas que responderam ao questionário aos temas de especial interesse para este estudo encontram-se no anexo, no final da monografia.

1. *Qual o seu nome?*
2. *Qual o seu endereço?*
3. *Qual a sua data de nascimento e qual o seu signo?*
4. *Qual a sua opinião sobre amizade?*
5. *O que você acha da natureza?*
6. *Quem é Deus para você?*
7. *O que é sexo para você? Você ainda acha a virgindade importante?*
8. *Qual a sua opinião sobre o amor?*
9. *O que você acha da sua vida e o que você gostaria que mudasse?*
10. *Você se sente uma pessoa realizada?*

11. *Você se sente preparada (o) para enfrentar todas as dificuldades que podem surgir no dia-a-dia?*
12. *O que ou quem você culparia pela violência, drogas e a prostituição no mundo de hoje?*
13. *O que você acha das mães solteiras?*
14. *Você é a favor do aborto? Porque?*
15. *Qual a sua opinião sobre os candidatos a presidência do Brasil?*
16. *Você acha que a sua cidade está sendo bem administrada, quais as mudanças que devem ser feitas?*
17. *Qual a sua opinião sobre o namoro?*
18. *Você acha que no namoro há um determinado tempo para maior intimidade?*
19. *O que você acha dos jovens de hoje?*
20. *Cite três qualidades e três defeitos seus:*
21. *Cite um dos seus sonhos que você mais deseja realizar:*
22. *Cite provérbio que mais chama ou chamou sua atenção:*
23. *O que você mais gosta de fazer?*
24. *Deixem-me alguma frase ou mensagem:*¹²

Analisando as questões elaboradas pela dona do caderno, percebemos que aparecem outras preocupações não tratadas no caderno anterior, como política, projetos e perspectivas dos entrevistados e problemas sociais. Comparando as respostas dadas, percebemos um certo modismo nos discursos. Há a tendência das opiniões seguirem a mesma linha de pensamento das respostas anteriores. Não podemos esquecer que o caderno é geralmente respondido por pessoas de um mesmo círculo de amizades, o que também contribui para uma certa uniformização das respostas.

O fato do caderno ser lido por várias pessoas, provavelmente levou os entrevistados a procurarem ser “politicamente corretos”, tentando se mostrar “liberais”. No entanto, é evidente um certo moralismo, aparecendo assim contradições nas respostas. Exemplo disso são as respostas à primeira questão, em que a maioria diz achar sexo “uma

¹² Caderno de Confidências de 1989, recolhido de uma entrevistada.

coisa linda”, afirmando, logo em seguida, a importância da virgindade. Essa importância é defendida por quase 70% dos entrevistados. Aparece um discurso religioso quando se associa sexo à natureza, procriação, justificando sua importância por ser “feito por Deus”. Da mesma forma quando, na questão sobre virgindade, aparece uma defesa da pureza, considerada mais importante que o hímen, idéia presente em cinco das 21 respostas. Aparece um conceito confuso de virgindade, já que ela não pode ser medida pelo físico e sim pelo comportamento: “a virgem pode ser impura e a não virgem pode ser pura”. O status da mulher continua sendo medido pela sua pureza, o que nos remete à imagem da santa. A beleza do sexo, tão enfatizada nas respostas, geralmente vem acompanhada das condições como ele deve ser feito, sendo os adjetivos mais ressaltados o amor e o respeito. Em quase metade das respostas há uma certa revolta contra a banalização do sexo, aparecendo um ideal romântico, onde sexo e amor são inseparáveis. Em apenas duas respostas - masculinas, o sexo é associado a prazer e satisfação.

Nas opiniões sobre o amor, os adjetivos mais apontados pelos entrevistados são: inexplicável, lindo, puro, respeitoso. O amor aparece, de uma forma mais geral, não estando necessariamente associado à relação homem / mulher. Em algumas respostas aparece uma preocupação de ir contra a possessividade, colocando como valores fundamentais o diálogo, a compreensão, a troca.

Na questão sobre “mães solteiras”, é significativo o moralismo disfarçado da maioria das respostas. Quase 50% dos entrevistados qualifica as mães solteiras como “seres humanos”, o que implica uma estigmatização destas, consideradas vítimas da sociedade ou culpadas pelo seu ato “irresponsável”, devendo ser “acolhidas”, para que possam se redimir, afinal “um erro na vida não significa uma vida de erros”. A idéia da mulher culpada está associada à concepção religiosa de pecado, em que a misericórdia da sociedade aparece

como possibilidade de redenção. Continua presente o discurso da purificação, através do bom comportamento, a transformação da Eva em Maria. A resposta número catorze destoa desse padrão, sugerindo que as respostas anteriores são hipócritas, ironizando “ela não tem culpa, só estava fazendo o que muitas de vocês fazem”. Apenas em uma resposta o pai é lembrado como também “culpado” pela gravidez. A mãe solteira é ainda associada à prostituta, mesmo que de forma implícita. É interessante perceber que em muitas das respostas aparece a preocupação em demonstrar “não ter preconceito” contra ela. A necessidade dessa afirmação parece indicar uma legitimação do casamento como única alternativa de procriação, já que nenhum entrevistado pensa a condição de mãe solteira como opção.

As respostas relativas ao aborto são as mais uniformizadas, uma vez que nenhum dos entrevistados se manifesta a favor deste. 85% deles são totalmente contra. Os outros 15% relativizam sua opinião, levando em conta a falta de apoio e condições financeiras. É interessante notar o tom moralizador das respostas. Dos vinte e um entrevistados, quinze usam a palavra crime ou assassinato.

As opiniões sobre namoro demonstram uma certa mudança em relação aos anos sessenta, já que ele não é visto pela maioria como uma etapa obrigatória para o casamento, mas como uma “troca de experiências” e uma “forma de se conhecer melhor”. Apenas duas respostas lembram o casamento. Percebemos a busca de um ideal de igualdade entre os sexos, quando se exige compreensão, carinho, fidelidade e respeito de ambas as partes.

Em resposta à questão “Você acha que no namoro há um determinado tempo para maior intimidade?”, os entrevistados se dividem: 43% respondem afirmativamente, enquanto 57% não colocam o tempo como uma questão importante. Alguns destes apontam

outros requisitos para essa “maior intimidade” como maturidade, respeito, compreensão e confiança. Em geral, nas respostas não aparecem opiniões contrárias à intimidade no namoro, com exceção de uma que nos chamou atenção pelo moralismo explícito, associando intimidade no namoro com prostituição.

De uma forma geral, podemos perceber algumas mudanças, expressas nas falas dos entrevistados desse caderno de confidências, muitas vezes de forma implícita. Nos discursos, aparece uma certa preocupação com essas mudanças. Na primeira questão analisada, que se refere a sexo e virgindade, a dona do caderno pergunta se os entrevistados “ainda acham a virgindade importante”. Isso nos parece significativo, uma vez que a palavra “ainda” sugere que, nesse momento, o valor da virgindade está sendo questionado. Algumas respostas também refletem essa tendência, quando apontam a virgindade como uma coisa “rara”, “sem importância hoje em dia”. Apesar disso, a maioria dos entrevistados se posiciona contra essa idéia, manifestando um certo saudosismo. Isso também aparece em algumas respostas sobre o amor e o namoro, quando o primeiro é visto como “escasso” e “difícil hoje em dia” e, a respeito do segundo, há uma queixa contra a falta de romantismo, o medo de se envolver e a infidelidade.

A última questão é por si só significativa. Questionar “se deve haver um determinado tempo para maior intimidade no namoro” é admitir que era comum haver esta intimidade. Em uma resposta, a entrevistada chega a afirmar que “hoje em dia há casais de namorados que no primeiro encontro já vão para a cama”. É interessante notar que os entrevistados se referem a “hoje em dia” sempre de forma negativa, o que parece indicar que, para essa juventude, havia um ideal de amor, sexo, namoro que não correspondia à prática.

A entrada da década de oitenta foi marcada, para um grupo de jovens de Serrolândia, por uma aventura que representava bem o desejo de liberdade da época. Um grupo de moças promoveu uma festa de Reveillon na casa de uma delas, que morava sozinha. Em preparação da festa, três delas se reuniram, para decidir os detalhes. Essa reunião foi documentada numa ata, que guardam até hoje:

ATA Nº 1

Às 12:10 h do dia 31.12.79, reuniram-se na casa da Srta. (...) para uma reunião onde tratamos de assunto do Reveillon, que se realizará na casa da Srt. (...), na mesma reunião estavam presentes Srtas. de destaque da sociedade de Serrolândia, as belas jovens, sempre com o sorriso nos lábios (...).

As mesmas ficaram encarregadas de roubarem nas suas devidas casas para a tão desejada festa.

Se tudo ocorrer bem nós teremos pratos deliciosos como champagne, caviar, strogonof, vinho do porto, pizzas.

Programação:

A festa terá início às 22:00, com som ao vivo.

As 23:00 será feita a contagem regressiva do tempo e será lida uma mensagem para enterrarmos o ano que se findou.

Nada mais a acrescentar, eu (...), assino como os demais presentes.

Serrolândia, 31.12.79¹³

Esta festa ocorreu sem a presença de “ninguém com mais de trinta”, homens e mulheres dançaram, beberam, namoraram, enfim, se divertiram livremente. No final da festa, os amigos e amigas dormiram todos juntos, o que era um motivo de escândalo na época.

¹³ Ata de 31.12.79, recolhida de uma entrevistada.

Observa-se que esse é um período em que a imagem da mulher recatada não é mais considerada ideal. M.G.V.B., falando sobre sua turma de amigas nos anos oitenta, comenta:

Eu não, que era tímida, mas muita moça naquele tempo gostava de contar vantagem por que tinha namorado com dois, três numa festa. ... ah, se o rapaz fosse bonito as meninas davam em cima e cantavam mesmo, era até motivo de briga.¹⁴

Outras entrevistadas que viveram essa mesma época também falaram desse momento de mudança. Percebemos que geralmente as mulheres entrevistadas evitam falar de si, contando sempre histórias envolvendo outras pessoas.

O fato de muitas moças se orgulharem de namorar mais de um rapaz numa festa, as disputas por rapazes e as cantadas femininas demonstram que os padrões de comportamento masculino e feminino não eram os mesmos. As mulheres passam a adotar comportamentos que antes eram permitidos só aos homens. Os estereótipos “moça de família” e “moça falada” não desaparecem, mas começam a se confundir, uma vez que a virgindade perde em parte sua importância.

As “Evas” e as “Marias” parecem continuar presentes no imaginário dessa sociedade no final dos anos oitenta. No entanto, na prática se torna difícil separá-las, uma vez que sexo antes do casamento já não representa o mesmo tabu. A partir dos depoimentos orais e do último caderno de confidências analisado, podemos deduzir que o comportamento exigido da mulher não é mais o mesmo. O fato das moças começarem a ter relações sexuais não as leva necessariamente a ficarem “faladas”, mas a importância do

¹⁴ Entrevista de M.G.V.B., 14.12.98.

casamento permanece, já que questões como o aborto e a mãe solteira continuam a ser tratadas de forma moralizadora.

CONCLUSÃO

As visões sobre a mulher nos anos sessenta em Serrolândia em geral envolviam estereótipos bem definidos. Divididas entre “moças de família”, “moças faladas” e “putas”, as mulheres eram caracterizadas de acordo com o seu comportamento, mais ou menos aproximado do ideal da santa. Esses estereótipos se relacionam às dicotomias Eva / Maria e prostituta / santa, que têm sua origem no período medieval. Na construção de um ideal de mulher, há uma supervalorização da virgindade como símbolo da virtude feminina, resultando em que as “moças” que a perdiam antes do casamento passavam a ser tratadas de forma pejorativa, não sendo mais consideradas ideais para o matrimônio. Nos discursos analisados, referentes aos anos sessenta percebemos ainda uma vitimização da mulher. Esta aparece como ingênua, ocorrendo uma inversão do discurso medieval, já que ela passa de culpada à vítima, sendo o homem responsabilizado pela sedução. No entanto, a culpa dele é em certo sentido justificada, e a mulher continua sendo vista como inferior, uma vez que é considerada fraca diante da tentação, devendo ser reprimida.

A importância do casamento como finalidade única da vida da mulher aparece na construção do ideal da mulher “honesta”, esposa e mãe, próximo da santa. O namoro e o noivado são considerados etapas obrigatórias para o casamento, no entanto, muitas mulheres fugiam desta norma.

A mulher casada adquire um novo papel social, sendo esperado dela a aceitação dos deveres de esposa e mãe, pura e resignada, associada à imagem de Maria. As

mulheres que fugiam desse padrão eram desmoralizadas, associadas à prostituta, sendo o adultério o que havia de mais vil para uma mulher nessa sociedade.

Na década de sessenta, as pessoas geralmente se casavam cedo, o que vai se modificando lentamente nas décadas posteriores. Como para as mulheres o casamento era quase uma imposição, as que demoravam muito para se casar ou não se casavam eram vistas como rejeitadas, já que não foram selecionadas para cumprir o seu papel principal.

Na sociedade serrolandense dos anos sessenta, os papéis feminino e masculino estão bem definidos. As obrigações masculinas são associadas ao público, e as femininas ao privado. Essa determinação aparece em argumentos nos processos judiciais, nos quais não se admite que o homem cuide dos filhos. Nesses processos, foi possível perceber um discurso misógino, no qual a defesa da mulher honesta é feita a partir da construção da imagem da antiesposa.

Os anos setenta no Brasil foram marcados por movimentos de juventude que questionavam os padrões vigentes, propondo o amor livre e o fim dos preconceitos, trazendo mudanças de grande relevância para a emancipação da mulher. A influência dessas idéias em Serrolândia foi muito pequena nessa época, devido a pouca circulação de informações. Percebemos que, só a partir dos anos oitenta, elas vão ter um peso significativo, quando a virgindade perde em parte a sua importância. Muitas “moças de família” começam a se casarem grávidas. Como passa a ser difícil identificar as virgens, os estereótipos “moça de família” e “moça falada” são confundidos. No entanto, as imagens de Eva e Maria continuam de certa forma presentes nas falas, embora na prática seja difícil defini-las.

A partir da documentação analisada, foi possível perceber uma distância entre a norma e a prática, uma vez que os discursos, mesmo no final dos anos oitenta,

continuam legitimando uma visão tradicional moralizadora, em que a prática aparece como o oposto desse ideal .

ANEXO

RESPOSTAS AO CADERNO DE CONFIDÊNCIAS DE 1989

Questão 7: O que é sexo para você? Você ainda acha a virgindade importante?

1. (MULHER - 14 anos) *Pra mim o sexo é uma coisa linda quando feito com amor é uma descoberta legal, mas hoje sexo tá virando produto e isso não é legal. Para mim sim, mas não a do físico e sim a da mente, ou seja, a pureza da mente.*
2. (MULHER - 15 anos) *É uma coisa muito linda e boa (poderia ser) pois infelizmente algumas pessoas tão usando-o até para ganhar dinheiro, absurdo! Acho importante a pessoa ser pura de coração, pois tem virgens que são impuras e não virgens que são puras.*
3. (MULHER - 19 anos) *É uma das coisas mais bonitas que existe, é a origem da vida, mas deve ser feito com amor e respeito e não como uma "descarga de tensões". A virgindade é importante quando tem sentido, mas pode ser impura quando se torna uma forma de medir o valor de uma mulher por um simples hímen intacto, não tem nada a ver.*
4. (HOMEM - 18 anos) *O sexo de feito de maneira saudável, feito entre pessoas que se gostam ai sim vale a pena, pois além de ser a maneira mais bonita de dar vida ao ser, é a maneira de mostrarmos um pouco do carinho existente dentro de nós, mas a única maneira de explicar é praticando!*
5. (MULHER - 16 anos) *Sexo é uma coisa muito bonita, se for feito entre duas pessoas que se gostam, que se respeitem e que tenham consciência do que é realmente o "sexo". E quanto a virgindade, deixa de ser importante a partir do momento que a decisão de ser ou não virgem é tomada sob pressão (de família, religião ou sociedade).*
6. (HOMEM - 23 anos) *Deus criou o homem e a mulher para amar e o sexo é importante entre duas pessoas que se amam. Acho que todas devem valorizar e respeitar o sexo.*
7. (MULHER - 15 anos) *Eu acho o sexo uma coisa linda que só deveria ser praticado quando houvesse amor e respeito entre ambas as partes. Sobre a virgindade eu fico com idem 1.*
8. (MULHER - 17 anos) *Só em saber que é uma coisa também feita por Deus percebe-se a sua importância, pena que raramente alguém o usa pensando nisso e sobre virgindade concordo com o idem 5.*
9. (MULHER - 21 anos) *AMOR E EROTISMO não fazem mal a ninguém mas confundem tudo e sexo tá sendo usado e abusado sem a mínima consciência da entrega a dois; quando há AMOR vale mesmo. Quanto à virgindade aprovo, não só pelo fato de ser raro uma "virgem", porque é legal ELE ser o primeiro e eterno. Há virgens por aí e não virgens isso não faz oposição, depende da cabeça de cada uma.*

10. (MULHER - 14 anos) *É uma coisa muito bonita que só deve ser praticada quando houver amor, respeito, consciência entre duas pessoas. Agora a virgindade é pura e bonita para quem dar valor, importância, não adianta dizer que é virgem se tem uma mente suja, aí não é virgem, mas sim quem enfrenta crítica de toda sociedade e amigos, porque dizem que é careta pessoa virgem. Eu acho bonita, essa é minha opinião e ninguém mudará, não quero dizer que vou ficar toda minha vida virgem, mas que dou importância e no momento certo haverá e no tempo certo acontecerá.*

11. (HOMEM - 21 anos) *O sexo é bonito. Aliás, na natureza não há nada feio. O sexo não pode ser classificado como uma coisa feia ou suja. Sabendo usá-lo direito de forma que venha satisfazer um ao outro, também tomar alguns cuidados saber com quem praticar como praticar. Virgindade não é muito importante.*

12. (MULHER - 17 anos) *Sexo é uma coisa maravilhosa mas quando feito como amor, muitas pessoas sujam, até comercializam. Virgindade admiro muito a mulher que saber preservá-la até o momento exato.*

13. (HOMEM - 22 anos) *Sexo para mim é vida. Portanto deve ser feito com amor. A virgindade é uma coisa pura e muito importante. Mas não é tudo, pois há muitas mulheres não virgens, mas puras de coração, que dão exemplo de comportamento a muita gente "virgem".*

14. (HOMEM - 13 anos) *Se for feito numa legal, é massa. Virgindade para mim é uma legal se a pessoa virgem não se sentir mal.*

15. (MULHER - 20 anos) *É o fundamental de uma boa convivência com a pessoa amada, virgindade acho bonito e romântico.*

16. (HOMEM - 19 anos) *O sexo pra mim é uma (ilegível) de amor e respeito e principalmente a sinceridade. Não acho que seja o ato de maior prazer das pessoas. Quanto a virgindade não temos vendo tanta importância hoje em dia.*

17. (HOMEM - 15 anos) *A meu ver, é importante mas não é tudo, é bom, muito prazeroso e ajuda a firmar uma relação. É uma coisa para mim que não é de vital importância.*

18. (HOMEM - 21 anos) *Sexo pra mim é troca de energia, carinho com a pessoa amada ou desejada. E a virgindade é importante.*

19. (HOMEM - 16 anos) *Sexo é uma coisa muito bonita quando feito com amor. Quanto a virgindade é importante quando se tem.*

20. (HOMEM - 17 anos) *O sexo é importante quando é feito por duas pessoas que se amam. Quanto a virgindade hoje em dia não temos vendo tanta importância.*

21. (MULHER - 11 anos) *Acho que sexo é a maneira de duas pessoas transmitir amor e carinho! Quanto a virgindade eu acho super importante quando se tem!*

Questão 8: Qual a sua opinião sobre o amor?

1. *O amor é uma coisa quase inesplicável por que as vezes confundimos com paixão. Também existe varios tipos de amor, amor ao amigo, aos pais e irmãos, a um namorado e etc. (por isso não da pra explicar direito).*

2. *Sentimento que pode ocorrer com a gente, mas infelizmente pode vir a obsessão (pra algumas pessoas que confundem isso com amor) mas pra ser amor tem que ser muito bonito e puro, ainda não amei.*

3. *É o sentimento maior que qualquer pessoa pode sentir, por isso indescritível.*

4. *Amar não é apenas sentir afeto por outra pessoa. Amar é saber entender, saber conversar, aceitar as opiniões da pessoa amada, o amor é algo inesplicável, pois quando ele pinta as pessoas ficam malucas!*

5. Amor é tão difícil de falar, pois é algo tão profundo, tão puro e que está tão escasso hoje em dia. Amar alguém não é só sentir carinho por alguém, não é querer ser dono da pessoa ou querer que ela esteja sempre a sua disposição. Amar acima de tudo é saber respeitar, saber entender as opiniões, as idéias, os objetivos e tantas outras coisas que se passa na cabeça do ser humano.

6. O amor é algo muito importante. São poucas as pessoas que sabem o verdadeiro sentido do amor. Amai uns aos outros disse "Jesus", esse é o maior mandamento o AMOR.

7. Deus, precisa explicar mais?

8. A minha resposta sobre quem é Deus diz tudo (O amor é tudo, quem não ama não vive, vegeta).

9. AMOR se iguala a respeito, descoberta e muito carinho. Deus é amor e muita gente simplesmente o vê como o "me ajude na hora H". Quando existe, transforma tudo e todos numa única ala - a paz.

10. O amor é paciente, verdadeiro, desinteressado, amigo, respeitoso, sabe desculpar, sabe pensar, fiel, puro, inocente, prepara o sexo, renuncia sempre, aceita regras, liberta, dialoga, corrige educa e muitas coisas que ocupara muito espaço.

11. Amor é algo muito difícil hoje em dia, mas ainda existe, como dizia o poeta Amor não vai cair de moda enquanto restar pessoas vivas.

12. O amor é cego... É surdo, é mudo, é paralisado, é esclerosado, é entrevado, é imbecil, é bobo. Mas mesmo assim amamos e é lindo.

13. Amara ao próximo é muito bonito e muito bom. Mas amar a alguém como parceiro pro resto da vida como dizem eu não posso te responder porque nunca amei, por enquanto.

14. O amor, de todas as formas é lindo. E eterno...

15. Amar não tem explicação.

16. Dentre todas as maravilhas criadas por Deus, o amor é superável, mas a humanidade não sabe como usá-lo.

17. O amor é um sentimento existente dentro de todos nós, esperando para ser libertado por alguém que possua sua chave.

18. O amor é lindo quando se ama realmente e por tempo indeterminado.

19. Muito bonito quando é verdadeiro.

20. O amor é algo inexplicável.

21. Amor é quase uma coisa inexplicável. Acho que há vários tipos de amor como: parentes, amigos e uma pessoa especial!

Questão 13: O que você acha das mães solteiras?

1. Acho que nem sempre elas tem culpa disso então não devemos discriminá-las, pelo contrário aconselha-las que não deixe acontecer de novo.

2. Não tenho preconceitos contra elas, mas as acho irresponsáveis, elas deveriam ter tido mais cuidado, mas algumas não tem muita culpa, a sociedade preciona demais.

3. São mulheres como quaisquer outras, penas levam um peso nas costas, que é o preconceito da sociedade que só sabe criticar. Admiro as que tem coragem de assumir tudo de cabeça erguida.

4. Em primeiro lugar temos que lembrar que são seres humanos, e por isso não é nada demais ser mãe solteira, enfim, nos temos que aceitar, acolher, porque por trás da mãe há uma criança inocente.

5. *Em primeiro lugar são seres humanos igual a qualquer um de nós, mas algumas são inconseqüentes, pois se trata da vida de uma criança, que em muitos casos elas se esquecem. Mas dou a maior força aquelas que assume seus filhos, enfrentando tudo e todos.*
6. *Humanos, e que deve ser respeitada e aceita por todos, aí estar o porque da prostituição a falta de aceitação pela sociedade.*
7. *As vezes são encaradas como prostitutas, mas eu penso totalmente ao contrário e dou o maior apoio. Já pensou se ela se casasse com um marido violento que a ameaçasse a batê-la e partir com o filho da mesma?*
8. *Concordo com o nº 6 e acrescento um pouquinho, se existe a mãe solteira significa que tem um pai que não teve caráter suficiente para assumir uma mulher e uma criança.*
9. *“Um erro na vida não significa uma vida de erros”. Elas confiaram e foram enganadas, ingênuas; mas com força poderão alcançar a vitória, um erro como por exemplo, poderá ser o surgimento de preparo para a caminhada certa e realizadora.*
10. *Não significa que porque é uma mãe solteira é uma pecadora, uma marginal, uma vagabunda, uma pessoa que não presta, que usa drogas, que se prostituem. As vezes acontece isso por falta de orientação e apoio da sociedade e da família.*
11. *Não há nada de mal em ser uma mãe solteira. A vida tem essas coisas, e geralmente acontece o pai carga a mãe e a mãe carga o pai.*
12. *Hoje em dia vemos tantas mães solteiras. Não tenho preconceito contra elas, pois são seres humanos como nós.*
13. *Das que tem cabeça e se redime do erro, acho umas heroínas. As que não pensam e insistem em errar: acho que merece o nosso apoio pois são seres humanos.*
14. *Ela não tem culpa, só estava fazendo o que muitas de vocês fazem.*
15. *Eu acho uma loucura e um sofrimento e uma aventura que eu não quero, só se for coisa do destino, mas eu não sou contra dou a maior força e ajudaria qualquer uma nesta batalha.*
16. *Falta de pensar em assumir um fato desses. Acho que deveriam analisar pra não vir a sofrer no caso de algumas que as vezes não se acham em condição.*
17. *Não acho nada demais, pior seria se ela forçasse o não nascimento do seu filho.*
18. *São seres humanos também, talvez de uma geração de vida mais difícil, mas pobres que apelam para uma sobrevivência de modo diferente.*
19. *Idem 13.*
20. *Idem 06.*
21. *Antes de tudo são seres humanos (mulheres) que as vezes não tiveram instruções e inconseqüentemente foram levada a este ponto! Poriço, não devemos descriminá-las e sim respeitá-las!*

Questão 14: Você é a favor do aborto? Porque?

1. *Não, eu acho um crime, acho que se não quer a criança se previna antes, pois na verdade é matar, é tirar uma vida que foi gerada.*
2. *Depende do caso, se aborta e nem se importa e pode voltar a fazer, sou contra, mas muitas vezes acontece e ela não recebeu o apoio de ninguém, e não é corajosa o suficiente para aguentar a barra. Mas acho um crime.*
3. *Não, de qualquer forma é um crime, uma vida não pode pagar pelas conseqüências de um ato irresponsável. Os meios de evitar estão aí.*
4. *Não, é crime! Isso basta?*

5. Sou contra. Pois se trata da vida de um ser humano, que não tem culpa da irresponsabilidade de sua mãe.
6. O aborto é um crime, está em jogo a vida, mas muitas vezes acontece isso por falta de aceitação dos pais, amigos e tá mesmo por falta de compromisso do sujeito.
7. Sou contra quando é praticado com marginalidade e quando não se previniu. Com tantos métodos preventíveis. A favor quando gerado através de estupros, doenças, etc.
8. Sou super contra, existe vários modos de evitá-lo. É triste um pequeno ser pagar as conseqüências causadas por pessoas grandes, burras e imprudentes.
9. É crime. O ser que tá dentro de alguém é indefeso. Há uma solução, conscientizar as futuras mães para se prepararem espiritualmente para saber que geraram um ser, que terão vida e sofrerão as causas de um aborto. Se preparem confiando em Deus.
10. Sou contra. Mas quando a pessoa não tem apoio de ninguém, não tem condição financeira suficiente para dar alimentação à criança, e não preparo para ser mãe, é melhor um aborto porque mais tarde sofreria a criança e a mãe.
11. Não, eu não sou. Acho isso uma super covardia de ambas as partes. Ninguém tem o direito de tirar vidas.
12. Sou contra se for feito por vaidade, mas se for por necessidade, totalmente a favor.
13. Não! Porque é "crime"...
14. Não na maioria dos casos.
15. É um crime e covardia de qualquer pessoa, merece morrer!
16. Aborto na minha opinião é um grave e maldoso crime.
17. Não, pois não sou um assassino, mas toda a regra tem suas excessões, por exemplo, num caso de estupro.
18. Não, devemos encarar de modo mais responsável o que fazemos, porque assim estamos traindo a continuidade da vida.
19. De maneira alguma. E acho um crime.
20. Não, é um verdadeiro crime.
21. De jeito nenhum, acho o pior dos crimes pois o nenem não tem culpa de nada! É um crime contra um inocente!

Questão 17: Qual a sua opinião sobre o namoro?

1. Namoro é uma troca de descoberta, de experiência, uma coisa bonita que acontece muitas vezes assim... naturalmente.
2. É duas pessoas se conhecerem melhor, uma aprendendo com a outra, mas para ter um namoro legal, é presico ser compreensão carinho e fidelidade.
3. É uma coisa muito gostosa namorar, se curtir, trocar experiências e emoções. Mas ultimamente as pessoas estão com medo de se envolver e preferem apenas "ficar com"... eu acho isso muito vazio.
4. Poderei explicar melhor através de atos e carícias.
5. É uma descoberta mútua aonde há troca de experiências, de carícias. É algo bastante gostoso quando se sabe que há compreensão, carinho e fidelidade (que é algo super-difícil hoje em dia).
6. É bonito quando se dá um respeito mútuo entre os dois, quando ambos tentam conhecer-se melhor.
7. Idem 3. Mas seria melhor quando ambos se atraíssem de verdade.

8. No namoro é essencial que você se sinta capaz de confiar, capaz de dialogar, de entender, de respeitar, combinar mesmo com as grandes diferenças e o mais importante, encontrar alguém que corresponda e te inspire tudo isso. "Acho que nunca tive um namoro de verdade".

9. Saber ter e respeitar opiniões um do outro. É ir naturalmente juntos ao encontro de descobertas agradáveis e gratificantes. É emocionante!

10. Antes de ser namorados é preciso ser amigos para chegar a um bom relacionamento.

11. Olha, o namoro é uma maneira de conhecer melhor a pessoa de quem você gosta, e quando se acha uma pessoa que corresponde a você melhor ainda.

12. Namoro é a realização dos dois lado. Para que você também se sinta capaz de compreender e ser compreendida, dialogar e conhecer melhor.

13. É uma coisa legal! Através deles conseguimos nos conhecer melhor. Afinal de contas é através do namoro que chegamos ao noivado e casamento que são coisas muito mais sérias.

14. Legal quando se curte o outro.

15. Ótimo!

16. O namoro é sentir o prazer de esta com quem entenda, goste, confie, e esteja sempre ao nosso lado nos dias de paz e de luta.

17. Uma coisa muito boa, o que deve ser desfrutado ao máximo. Não me entenda mal meu conceito não é de namorar a doidado, e sim curtir com a pessoa que se gosta.

18. Todo namoro é um modo melhor de se conhecer as pessoas, se descobrir se realmente se amam, pois é o primeiro passo para um casamento.

19. O namoro hoje muita gente não leva a sério. Namoram só por passa tempo.

20. Descura. É duas pessoas se conhecerem melhor.

21. Acho que é a maneira de conhecer alguém especial pra você!

Questão 18: Você acha que no namoro há um determinado tempo para maior intimidade?

1. Acho que não, só depende da maturidade deles, mas devem saber o que estão fazendo.

2. Sim, se acontecer tudo de vez perde a graça, tem que ser aos poucos, pois "A pressa é inimiga da perfeição!"

3. Depende do casal, mas eu acho que o mais importante é o respeito e compreensão mútua. Nunca por está na moda, pra não ser careta. Perde a emoção.

4. Claro!

5. Sim

6. Eu acho que essas intimidades deve ser aproveitado no casamento e não no namoro para não criar mais prostituição.

7. Sim, para mim, para mim é claro, porque hoje em dia há casais de namorados que no primeiro encontro já vão para a cama.

8. Precisa-se ter grande segurança no que se está fazendo, tudo tem sua hora certa.

9. Não é bem uma questão de tempo, e sim confiança também, as descobertas com as duas ações juntas, e terão que está conscientes "parar" sem avançar o sinal.

10. Idem 3.

11. Sim, eu acho que há tempo para tudo.

12. Sim

13. As vezes

14. Idem ao 1.

15. *Claro que sim!*

16. *Acho que sabendo-se penetrar na vida da pessoa com maior rapidez cria-se intimidade.*

17. *Isto depende, mas possivelmente há.*

18. *Não é necessário um determinado tempo para uma certa intimidade pois as coisas acontecem sem mesmo namorar.*

19. *Nem sempre...*

20. *As vezes.*

21. *Acho que não!*

FONTES E REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

1. FONTES

Arquivo Público Municipal de Jacobina

Seção Judiciária: Processos da Vara de Família:

- Processo de Ação de Alimentos, nº 4845, de 1967.
- Processo de Desquite Judicial, nº 4865, de 1967.
- Processo de Desquite Amigável, nº 9.165, de 1966
- Processo de Investigação de Paternidade, nº 10554, de 1968.

Acervos Particulares

Caderno de Confidências de 1978 - Maria Áurea Souza Vasconcelos Brito

Caderno de Confidências de 1989 - Gisélia Mota Santana

Ata de 1979

Disco "Pinduca no Embalo do Carimbó e Sirimbó". Vol. 9. Copacabana Discos, 1980.

Carta de Amor de 1966.

Entrevistas

A. P. N. em 17.12.98

C. B. R. em 12.09.98

E. B. R. em 15.11.98

E. S. M. em 22.10.98

E.V. M. em 19.11.98

J. S. em 25.10.98

L. P. em 11.10.98

M. A. J. em 27.11.98

M. G. V. B. em 14.12.98

M. R. P. V. em 24.07.98

2. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ARAÚJO, Emanuel. *O Teatro dos vícios. Transgressão e transigência na sociedade urbana colonial*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1993.
- ARIÈS, Philippe. *História social da criança e da família*. Rio de Janeiro: Editora Guanabara Koogan, 1981.
- BADINTER, Elizabeth. *Um Amor Conquistado: o mito do amor materno*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1985.
- BELLINI, Lígia. *A coisa obscura: mulher, sodomia e inquisição no Brasil colonial*. São Paulo: Brasiliense, 1989.
- BOSI, Ecléa. *Memória e sociedade: lembranças de velhos*. São Paulo: Cia. das Letras, 1994.
- BOM MEIHY, José Carlos S. *Manual de história oral*. São Paulo: Loyola, 1996.
- BURKE, Peter. *A Escrita da História: novas perspectivas*. São Paulo: Unesp, 1992.
- _____. *A Escola dos Annales, 1929-1989*, São Paulo: Unesp, 1991.
- CARDOSO, Ciro Flamarion & VAINFAS, Ronaldo. *Domínios da História: ensaios de teoria e de metodologia*. Rio de Janeiro: Campos, 1997.
- COSTA, Albertina de Oliveira & Bruschini, Cristina. *Uma Questão de Gênero*. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos. São Paulo: Fundação Carlos Chagas, 1992.
- DA MATTA, Roberto. *Carnavais, malandros e heróis: para uma sociologia do dilema brasileiro*. Rio de Janeiro: Guanabara, 1990.
- DEL PRIORE, Mary (org.) . *A Mulher na História do Brasil*. São Paulo: Contexto, 1992.
- _____. *Ao sul do corpo: condição feminina, maternidades e mentalidades no Brasil Colônia*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1995.
- _____. *História das mulheres no Brasil*. São Paulo: Contexto, 1997
- DELUMEAU, Jean, *História do Medo no Ocidente: 1300-1800*. São Paulo: Cia. das Letras. 1990.
- DUBY, Georges & Perrot, Michelle. *História das Mulheres no Ocidente*. Volume 1: A Antiguidade. Porto: Afrontamento. São Paulo: Ebradil, 1991.
- FILHO, Alberto Heráclito Ferreira. *Salvador das mulheres: condição feminina e cultura popular na Belle Époque imperfeita*. Dissertação de Mestrado, UFBA: Salvador, 1994.

- FOUCAULT, Michel. *História da Sexualidade 1: a vontade de saber*. Rio de Janeiro: Graal, 1993.
- _____. *Microfísica do poder*. Rio de Janeiro: Graal, 1993.
- LEITE, Márcia Maria da Silva Barreiros. *Educação, cultura e lazer das mulheres de elite em Salvador, 1890-1930*. Dissertação de Mestrado, UFBA: Salvador, 1997.
- LUZ, Adriana de Carvalho. *Mulheres e doutores: discursos sobre o corpo feminino. Salvador, 1890-1930*. Dissertação de Mestrado, UFBA: Salvador, 1996.
- MIRANDA, Ana. *Boca do Inferno*. São Paulo: Cia. das Letras, 1989.
- MONTENEGRO, Antônio Torres. *História oral e memória: a cultura popular revisitada*. São Paulo: Contexto, 1992
- MONTEIRO, Tânia Penido. "Comunicação escrita sobre uma pesquisa oral" In *Educação e Comunicação*, Revista da FAEEBA, ano 3, número 3, jan./dez. 1994.
- MURARO, Rose Marie. *A mulher no terceiro milênio*. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, 1993.
- PEDRO, Joana Maria. *Mulheres Honestas e Mulheres Faladas - uma questão de classe*. Florianópolis: Ed. da UFSC, 1994.
- PERROT, MICHELLE. *Os Excluídos da História: operários, mulheres, prisioneiros*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1988.
- RAGO, Margareth. *Os Prazeres da Noite: prostituição e códigos da sexualidade feminina em São Paulo (1890-1930)*, Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1991.
- _____. *Do cabaré ao lar: a utopia da cidade disciplinar. Brasil 1890-1930*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1985
- _____. "As mulheres na historiografia brasileira". In SILVA, Zélia Lopes da (org.) *Cultura histórica em debate*. São Paulo: Unesp, 1994.
- REIS, Diomedes Pereira dos. *Serrote de Ontem, Serrolândia de Hoje*. Salvador: Press color. 1994.
- SANTANA, Nélia. *A prostituição feminina em Salvador (1900-1940)*. Dissertação de Mestrado, UFBA, 1996.
- SCOTT, Joan. "Gênero: uma categoria útil na Pesquisa Histórica" In *Educação e Realidade*. Porto Alegre, 16 (2): jul./dez. 1990.
- VENTURA, Zuenir. *1968 O ano que não terminou*. São Paulo: Círculo do Livro, 1988.